

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO ENSINO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

Ana Rita Narciso Soares

Quando me conheço...

Adoto bons comportamentos e atitudes adequadas.

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Março de 2014

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO ENSINO DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

QUANDO ME CONHEÇO...

ADOTO BONS COMPORTAMENTOS E ATITUDES ADEQUADAS.

Autora: Ana Rita Narciso Soares

Orientador: Professora Doutora Luísa Araújo

Co-Orientador: Mestre Joana Figueira

Março de 2014

Agradecimentos

Este meu percurso escolar, não só o mestrado, mas também a licenciatura, foi um sonho tornado realidade. Não era um objetivo de vida meu entrar na universidade, mas quando entrei tive pessoas especiais do meu lado que sempre me apoiaram. Hoje quero-lhes agradecer por todo o apoio condicional e incondicional que me deram e que acima de tudo acreditaram que eu era capaz de realizar um sonho.

Em primeiro lugar quero agradecer à minha mãe, por ter estado sempre do meu lado. Foi ela que sempre me apoiou, todas as manhãs se levantava mais cedo só para me preparar o pequeno-almoço, saíamos de casa sempre em cima da hora, mas ela tentava sempre que eu apanhasse o barco que eu queria, aturou as minhas “birras” quando algo não me estava a correr bem, ajudou-me em alguns dos trabalhos de expressão plástica quando era necessário cortar e colar, entre tantas outras situações que se as enumera-se todas não sairia daqui. A ela um Muito Obrigado!

De seguida quero agradecer ao meu pai, que apesar de não ter participado muito na minha vida académica esteve sempre presente, principalmente no apoio informático.

Quero também agradecer à minha avó, pelo apoio que sempre me deu.

Quero agradecer à minha prima Margarida, por me ter apoiado sempre, não só nas situações da faculdade, mas em todo o meu percurso de vida, e acima de tudo um muito obrigado pelo tempo despendido a ler este meu relatório que tanto trabalho lhe deve ter dado porque tem o pequeno Rodrigo para cuidar.

Quero também agradecer ao resto da minha família, que apesar de não os enumerar um a um não significa que não lhe deva um muito obrigado pelo apoio sempre demonstrado.

Quero agradecer às minhas grandes amigas de faculdade pelos anos de licenciatura juntas, foram muito bons e sempre nos apoiamos umas às outras por isso é que conseguimos chegar onde estamos hoje, mas quero salientar a Joana que desde o primeiro dia que estamos juntas e a nossa amizade tem sido muito importante, não só no percurso escolar como também na minha vida pessoal, a ela um muito obrigado por me ter aturado naqueles dias que eu chegava e quase nem falava a ninguém, mas ela esteve lá sempre comigo e sei que estará sempre.

Quero também agradecer a toda a minha turma porque apesar de tudo sempre estivemos juntos quando era necessário.

Quero agradecer às minhas amigas fora da faculdade pelo apoio que me deram, peço-lhes desculpas pelas vezes que deixámos de sair porque eu tinha trabalhos para fazer, mas quero acima de tudo agradecer à Rita Ciríaco por sempre me ter apoiado e ajudado nas situações da faculdade e também a nível pessoal.

Quero também agradecer a todas as pessoas que sempre acreditaram em mim, estiveram sempre do meu lado e sempre me deram força para continuar porque acreditavam que eu era capaz, e que aquilo que eu estava a fazer fazia-o de coração, a elas um muito obrigado.

Agradeço também a todos os professores e orientadores de estágio, sem eles eu hoje não era a pessoa que sou, e acima de tudo não era a profissional de educação que me considero ser.

Quero agradecer à instituição que sempre me acolheu da melhor forma, Externato Marista de Lisboa, tanto no Pré-Escolar como no 1.º Ciclo estive com pessoas que sempre me apoiaram e sempre se disponibilizaram para o que eu necessita-se, além dessas pessoas não quero deixar de referir os funcionários que sempre foram amáveis e simpáticos comigo, obrigado pela forma como me acolheram. Não me posso esquecer de agradecer a todas as crianças que estiveram comigo, porque além de eu ter aprendido com a educadora Cristiana Galante e com a professora Manuela Pereira, elas também foram e serão sempre a minha grande fonte de inspiração.

Quero também agradecer à Sónia Santos pelo tempo despendido a ver este meu relatório final, a ela um muito obrigado.

Por fim, quero agradecer a Deus, que sempre esteve presente no meu caminho iluminou-me e deu-me forças para continuar quando só me apetecia desistir de tudo.

Hoje posso considerar-me ser a pessoa que sou por ter tido por perto todas estas pessoas que foram os meus pilares neste percurso, e como diz John Lennon:

“Um sonho que sonhes sozinho é apenas um sonho.
Um sonho que sonhes em conjunto com outros é realidade.”

Resumo

O presente relatório de estágio desenvolveu-se no âmbito da unidade curricular de prática de ensino supervisionada, e teve como finalidade a obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Este mesmo relatório pretende demonstrar todo o trabalho realizado nas duas valências, tanto no Pré-Escolar com crianças de quatro anos, como no 1.º Ciclo com alunos do 2º ano de escolaridade.

Na valência de Pré-Escolar foi desenvolvido como tema principal a identidade. Com este, pretendemos que as crianças se conhecessem um pouco melhor e, para tal realizámos diversas atividades onde esse tema pôde ser observado. Com a implementação deste mesmo tema pudemos concluir que as crianças apesar de já se conhecerem passaram a tomar consciência de determinadas partes do seu corpo, que até ao momento eram banais, isto é, não lhes davam grande importância: como à cor do cabelo, ao tipo de cabelo, à cor dos olhos, entre outras situações.

No que respeita, ao 1.º Ciclo foi desenvolvido o tema do comportamento e das atitudes, com ele pretendemos que os alunos tomassem consciência das atitudes e comportamentos a ter numa sala de aula. Como forma de colocar em prática este tema, decidimos que os alunos todos os dias se iriam avaliar e tomar consciência de como tinha sido o seu comportamento ao longo do dia. Com base nisto, podemos dizer que houve algumas melhorias, mas não tão significativas como desejámos no início da implementação.

Palavras-chave

Identidade, Comportamento, Atitudes, Planificação, Intervenção, Avaliação, Reflexão.

Abstract

This internship report was developed within the course of teaching training, for the purpose of obtaining a master's degree in pre -school and primary education.

This report aims to demonstrate all the work done in the two contexts, both with preschool children and with second grade children

Preschool teaching focused on identity as the main theme. Within this, we wanted the children to know each other a little better and to this end we carried out various activities. By implementing this theme, we concluded that although children already knew each other they began to become aware of certain parts of their bodies, which until now were trivial, that is, they were not given great importance: the color of their hair, the type of hair , color of eyes , among other.

With regard to the second gradewe developed the theme of behavior and attitudes, with it we intend that students become aware of the attitudes and behaviors appropriate to have in the classroom. As for putting into practice the subject, we decided that students would be evaluate everyday and be aware of how their behavior had been throughout the day. Based on this, we can say that there was some improvement, but not as significant as we had wished at the beginning of the implementation.

Keywords

Identity, Behavior, Attitudes, Planning, Intervention, Assessment, Reflection.

Índice

1- Introdução	p.3
2- Contextualização da prática educativa	p.5
3- Estágio da Prática de Ensino Supervisionada I - Pré-Escolar	
3.1 - Caracterização da Sala e do Grupo	p.9
3.2 - Observação Naturalista	p.13
3. 3 - Perspetivas Educacionais	p.14
3.4 - Problemática/Área de intervenção prioritária em contexto de estágio	
3.4.1 - Descrição da problemática/Área de intervenção prioritária	p.16
3.4.2 - Definição	p.16
3.4.3 - Intervenção	p.18
3.5 - Avaliação Individual das Crianças – Instrumentos	p.21
3.6- Caracterização Final com Evolução do Grupo ao Longo do Ano	p.23
3.7 - Conclusão Reflexiva – Avaliação do Processo e Auto-Avaliação	p.26
4- Estágio da Prática de Ensino Supervisionada II – 1.º Ciclo	
4.1 - Caracterização da Sala e do Grupo	p.31
4.2 - Observação Naturalista	p.34
4. 3 -Perspetivas Educacionais	p.35
4.4 - Problemática/Área de intervenção prioritária em contexto de estágio	
4.4.1 - Descrição da problemática/Área de intervenção prioritária	p.36
4.4.2 – Definição	p.36
4.4.3 – Intervenção	p.37
4.5 - Avaliação Individual das Crianças – Instrumentos	p.41
4.6- Caratcerização Final com Evolução do Grupo ao Longo do Ano	p.43
4.7 - Conclusão Reflexiva – Avaliação do Processo e Auto-Avaliação	p.47
5- Conclusão Final	p.51
6- Referências Bibliográficas	p.55
7- Anexos	p.57

Índice de anexos

Anexo I – Planta da Sala do Pré-Escolar

Anexo II – Avaliação inicial do grupo do Pré-Escolar

Anexo III – Dados de caracterização do Pré-Escolar

Anexo IV – Observação Naturalista

Anexo V – Planificação, Relatório e Recursos – Identidade

Anexo VI – Planificação, Relatório e Recursos – Identidade continuação

Anexo VII – Relatório Pais e Grelhas

Anexo VIII – Relatório Técnicos e Grelhas

Anexo IX – Planta da Sala do 1.º Ciclo

Anexo X – Horário do 1.º Ciclo

Anexo XI – Dados de caracterização do 1.º Ciclo

Anexo XII – Caracterização inicial dos alunos do 1.º Ciclo

Anexo XIII – Observação Naturalista

Anexo XIV – Planificação da intervenção – Comportamentos

Anexo XV – Planificação, Relatório e Recursos – Horas

Anexo XVI – Relatório Técnico e Grelhas

Anexo XVII – Relatório Pais e Grelhas

Anexo XVIII - Triangulação

1. Introdução

O presente relatório final tem como objetivo apresentar e refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo dos estágios em Pré-Escolar e 1.º Ciclo do ensino básico.

Este relatório final surge do trabalho conjunto com dois grupos; um de crianças de 4 anos pertencentes ao Externato Marista de Lisboa e outro de crianças do 2.º ano da mesma instituição.

O estágio na valência de Pré-Escolar decorreu de outubro de 2012 a junho de 2013, durante duas manhãs. Nos primeiros tempos tivemos uma fase de observação onde pudemos observar como era o funcionamento da sala, como era a relação da educadora com as crianças e das crianças com a educadora. Houve também tempo para observar as rotinas e conhecer um pouco melhor o grupo. Estas observações motivaram a escolha do tema principal que trabalhámos - a identidade. Com ele pretendíamos que os alunos se conhecessem um pouco mais, mas também conhecessem os seus colegas.

O estágio no 1.º Ciclo decorreu de outubro de 2013 a fevereiro de 2012, durante quatro manhãs por semana. O grupo era do 2.º ano de escolaridade e também neste contexto o período de observação permitiu-nos conhecê-lo, bem como a forma como a professora lecionava as aulas. Foi a partir dessas observações que decidimos que iríamos trabalhar os comportamentos e as atitudes, visto termos notado que era um dos problemas dos alunos. Não mostravam estar bem sentados, conversavam muito uns com os outros, alguns alunos não tinham uma postura adequada e para tal decidimos intervir nessa mesma área para que os alunos tomassem consciência das suas atitudes e comportamentos.

O tema deste relatório final surgiu da junção dos temas que definimos para as duas valências, isto é, a identidade no Pré-Escolar e os comportamentos e as atitudes no 1.º Ciclo. Daí nasceu o tema “Quando me conheço... Adoto bons comportamentos e atitudes adequadas”, o qual se enquadra em qualquer uma das valências. Os alunos do Pré-Escolar tinham como tema conhecer-se a eles e aos outros para passaram a ter determinados comportamentos e atitudes uns com os outros. Em relação ao 1.º Ciclo, o objetivo era que eles tomassem consciência dos seus comportamentos e atitudes para se conhece-

rem. Assim, consideramos que, apesar de terem sido temas trabalhados individualmente, estão interligados entre si.

Por fim, apresentamos a estrutura deste mesmo relatório. Como os dois estágios foram realizados na mesma instituição, fizemos uma contextualização da prática educativa comum, pois a caracterização do meio e da instituição são a mesma. De seguida, este trabalho aparece dividido em dois grandes grupos; um referente ao Pré-Escolar e outro referente ao 1.º Ciclo. Em cada um deles poderão encontrar a caracterização da sala e do grupo; de seguida as nossas perspetivas educacionais; a nossa problemática, assim como também poderão compreender a sua definição e a intervenção propriamente dita; de seguida apresentaremos as avaliações das crianças, mais precisamente a referência aos instrumentos utilizados; apresentaremos neste seguimento a avaliação final realizada ao grupo e por fim a nossa avaliação de toda a prática educativa. Por último, apresentaremos a nossa conclusão final de todo o estágio e terminamos com os anexos.

2. Contextualização da prática educativa

Os estágios referidos neste mesmo documento foram ambos desenvolvidos no Externato Marista de Lisboa; por esse motivo é que só é apresentada uma única contextualização, tanto do meio envolvente, como da instituição em causa. Antes de iniciarmos uma prática educativa, é importante que conheçamos o meio envolvente para ver o que dele podemos utilizar nas nossas práticas educativas. Segundo Paiva (2009), a cidade e a escola estão interligadas e podem considerar-se espaços complementares que têm um papel importante no sistema educativo. Para a realização desta caracterização foi-nos muito útil a consulta do Projeto Educativo e do regulamento interno presentes no *web site* do Externato. Tendo por base estes dois instrumentos, conseguimos construir a caracterização da instituição.

O Externato situa-se na Freguesia de São Domingos de Benfica. Abrangendo uma área de 4.30 Km², esta freguesia localiza-se a noroeste da cidade de Lisboa, limitada a oeste pela Freguesia de Benfica, área do Parque Florestal de Monsanto e Sete Rios e confina ainda com as freguesias de Carnide, Lumiar, Campo Grande, Nossa Senhora de Fátima e Campolide. A freguesia de São Domingos de Benfica foi criada em 7 de fevereiro de 1959, através do Decreto-lei nº 42.142, publicado no Diário do Governo nº 32, da 1.ª Série. O seu nome ficou a dever-se ao Orago da Paróquia, criada no mesmo ano, herdeira da Igreja do antigo convento de São Domingos de Benfica. Dada a sua situação geográfica que lhe confere a característica de área de expansão de Lisboa, foi uma das Freguesias que mais cresceu desde a década de 60. A exceção vai para os últimos 10 anos, em que tem registado um decréscimo nos seus habitantes. É hoje a 5.ª freguesia do Concelho, entre as 53 existentes.

A Freguesia é dotada dos seguintes recursos:

- Dispõe de uma boa rede viária e grande variedade de meios de transporte: catorze carreiras de autocarros, uma estação da CP e três estações de metropolitano (Jarim Zoológico, Laranjeiras e Alto dos Moinhos), além de praças de táxis;

- Na área também existem estabelecimentos de ensino público e privado que abrangem todos os graus de ensino, incluindo o ensino superior, existindo três universidades particulares;

- Dispõe de duas bibliotecas, um museu e vários edifícios históricos, palácios e quintas, que se notabilizaram através dos tempos pela sua beleza arquitetónica e decorativa;

- Estão também, edificadas três paróquias de comunidades Católicas e três paróquias de comunidades cristãs diversas. O Externato pertence à paróquia da Sagrada Família do Calhariz de Benfica;

- A freguesia é servida pelo Centro de Saúde de Sete Rios, pelo Instituto Português de Oncologia, o British Hospital, o Hospital dos Lusíadas e pelo Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa, além de consultórios médicos, farmácias e laboratórios de análises clínicas;

- Existem oito clubes desportivos e vários espaços destinados ao desporto e ao lazer;

- Muitas das infraestruturas estão localizadas na Mata de São Domingos de Benfica, a qual se insere no Parque Florestal de Monsanto. Um dos espaços privilegiados de lazer é o Jardim Zoológico de Lisboa, instalado na antiga Quinta das Laranjeiras, desde 1905;

- Por fim, a freguesia dispõe ainda de cinco associações de jovens, cinco centros de dia para a terceira idade, uma esquadra da PSP e um posto dos CTT.

Tendo por base os recursos já descritos, podemos dizer que, no que respeita à ligação do meio à prática, temos diversos recursos disponíveis para trabalhar os vários temas. Sendo assim, podemos dizer que a zona envolve à instituição é bastante rica em recursos. É-nos possível aproveitar os diversos hospitais ou centros de saúde para abordar temas relacionados com a saúde e com a alimentação, entre outros; podemos aproveitar as zonas verdes para abordar temas relacionados com a natureza ou com os animais; no que respeita aos meios de transportes, estes também podem ser facilmente utilizados como recurso à prática no meio envolvente. Pensamos que qualquer tema pode ser utilizado como recurso à prática.

Após conhecermos o meio que envolve a instituição também tivemos que conhecer a instituição. Para tal, consultámos o Projeto Educativo e o regulamento interno presentes no *web site* do Externato. Com base nestes dois instrumentos conseguimos construir a caracterização da instituição. Para caracterizarmos um pouco melhor esta instituição decidimos destacar do seu Projeto Educativo uma passagem que consideramos importante “A autonomia da escola concretiza-se na elaboração de um projeto educativo próprio, constituído de uma forma participada, dentro dos princípios de responsabilização dos vários intervenientes na vida escolar e de adequação às características e recursos da comunidade em que se insere.”

O Externato Marista de Lisboa foi criado em 1947. As suas primeiras instalações foram na Rua da Estrela nº65 e no ano letivo de 1953-54, passou a funcionar na Rua Artilharia Um. Em 1989-90, transferiu-se para as atuais instalações, em Benfica. Estas mudanças deveram-se à necessidade de aumentar o espaço, para satisfazer um número cada vez maior de famílias que procuravam a instituição. Esta procura deveu-se à qualidade de ensino aqui ministrada, mas sobretudo à aposta na formação integral dos alunos, enriquecida pela educação alicerçada em valores cristãos.

Quando funcionava na Rua Artilharia Um, o Externato era frequentado por cerca de 500 alunos. Atualmente, é frequentado por cerca de 1300 alunos, distribuídos por vários níveis e diversas áreas: Pré-Escolar (dos 3 aos 5 anos), com seis turmas (dois por cada ano); 1.º Ciclo, com nove turmas; 2.º Ciclo, com oito turmas (quatro por cada dois anos do Ciclo); 3.º Ciclo, com doze turmas (quatro por cada um dos três anos do Ciclo); Secundário, com quinze turmas (cinco por cada um dos três anos do Secundário).

O Externato é um estabelecimento católico. Rege-se pelo Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo e é membro da Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo (AEEP). Tem autonomia pedagógica, o que lhe permite ter planos de estudo e conteúdos programáticos próprios, não depender de escolas oficiais quanto a matrículas e exames dos seus alunos e emitir diplomas e certificados de matrícula, de aproveitamento e de habilitações.

O Externato Marista de Lisboa situa-se num edifício moderno, com amplas e confortáveis instalações, distribuídas por diversos blocos, com o máximo de três pisos, bem adaptados aos diversos graus de ensino. As salas, espaçosas e bem iluminadas, distribuem-se pelos vários blocos: seis salas, na Pré-primária; nove, no 1.º Ciclo; oito, no 2.º Ciclo; doze, no 3.º Ciclo; quinze, no Secundário. São, ao todo, cinquenta salas de au-

la, mais duas salas de apoio (uma para a Pré-primária e outra para o 1.º Ciclo). Para além destas, há ainda outras salas com finalidades específicas.

O Externato oferece aos alunos, além das disciplinas curriculares, uma grande variedade de atividades de complemento curricular, nas áreas da Informática, do Inglês, da Expressão Corporal e Artística, da Música e do Desporto (natação, futsal, basket, andebol, voleibol, judo, karaté, badmington, ténis de mesa entre outras).

O horário de funcionamento da instituição é das 8h e encerra às 19h.

Os recursos humanos desta instituição são: sete educadores da educação Pré-Escolar e aproximadamente cento e dez professores, distribuídos pelos vários ciclos, tem também cerca de setenta funcionários não docentes.

Para se ser educador nesta instituição, existe um conjunto de características que o educador deve seguir, são elas: O educador Marista deve promover uma educação integral; O educador Marista deve praticar uma pedagogia da presença; O educador Marista deve integrar uma pedagogia familiar; O educador Marista deve acreditar numa pedagogia do trabalho e da persistência; O educador Marista deve orientar-se por uma pedagogia da motivação e da competência profissional; O educador Marista deve guiar-se por uma visão do mundo e do ser humano, inspirada no Evangelho de Jesus Cristo.

Para além destas características existem também objetivos educativos que propõem concretizar a missão educativa da instituição em quatro grandes áreas, visando a formação integral dos alunos e dando especial atenção aos valores morais e religiosos, são eles: Formação Integral dos Alunos: Ajudar os alunos a fortalecer a sua auto-estima e a sua autoconfiança; Promover uma atitude criativa, inovadora, positiva e empreendedora face à vida; Valorizar o uso correto da língua portuguesa, a nível da escrita e da oralidade; Promover a aprendizagem de línguas estrangeiras; entre outros; Relacionamento entre os Membros da Comunidade Escolar: Criar um ambiente de família na comunidade escolar; Fomentar o intercâmbio de saberes e culturas, respeitando; Relação Escola/Família: Estimular a cooperação dos pais no processo educativo; Promover a participação dos pais nas decisões dos colégios; Privilegiar os contactos entre as famílias e os colégios; Relação Escola/Meio Social: Desenvolver a interação com o meio envolvente; Dinamizar a participação regular dos colégios no debate sobre questões de interesse local, nacional e internacional; Estimular o envolvimento dos alunos em iniciativas de outras instituições; Promover a participação dos antigos alunos na dinâmica educativa dos colégios.

3. Estágio da Prática de Ensino Supervisionada I - Pré-Escolar

3.1. Caracterização da Sala e do Grupo

Para a realização desta caracterização foi-nos importante observar a sala e, a partir dessa observação, criar a planta da sala, assim como também foi importante consultar o Projeto Educativo e o Plano Anual de Atividades dos 4 anos.

O espaço educa, assim como faz a linguagem ou as relações interpessoais. E atua como marco de condições, isto é, tem capacidade para facilitar, limitar e orientar tudo o que se faz na escola infantil. Tudo o que a criança faz e aprende acontece em um ambiente, em um espaço cujas características afetam tal conduta ou aprendizagem. De acordo como é organizado o ambiente, podemos obter experiências formativas ou outras que serão mais ou menos ricas e enriquecedoras segundo a organização feita dos espaços e dos recursos. O espaço é também um contexto de significados e emoções. Cada zona, cada elemento ou condição do espaço, significa coisas diferentes e o vivenciamos de forma diferentes. Há espaço para a brincadeira e para o repouso, para compartilhar e para estar só, para o trabalho e para o ócio, espaços de prazer e de obrigações, próprios e alheios (Melis, 2007, p.11).

Melis ajuda-nos a compreender o essencial de um espaço que educa. Podemos considerar que o nosso era assim. Nós estivemos na sala dos 4 anos A era constituída por vinte e cinco crianças, doze do género feminino e treze do género masculino, a maioria com 4 anos de idade e uma criança com 5 anos. Para uma melhor caracterização da sala, elaborámos a planta da sala (anexo I) e lá pode observar-se como estava organizada a sala e quais os materiais que dela faziam parte; lá pode observar-se que existiam quatro conjuntos de mesas, umas em forma de semicírculo, outras com a forma de retângulo. Na sala também existiam diversos móveis, uns que guardavam brinquedos das crianças, outros que guardavam materiais e outros que guardavam coisas importantes da educadora. A sala era bem iluminada com luz natural, tinha quatro janelas do teto ao chão da sala. Para além da iluminação natural, também tinha iluminação artificial: tinha quatro conjuntos de lâmpadas. A sala estava equipada com um aquecedor, um rádio e uma ventoinha. As áreas para as crianças brincarem estavam bem equipadas principalmente a área da casinha e a das expressões. Já a dos jogos no nosso ver poderia estar um pouco mais bem equipada, mas provavelmente os jogos que lá estavam eram adequados

ao grupo em questão, uma vez que era rara a vez que alguma criança ia brincar com jogos. Com isto, podemos dizer que a sala tinha muito boas condições. O espaço e os materiais que tinham disponíveis eram adequados ao grupo e estavam em ótimo estado.

Em relação aos recursos humanos existentes na sala, existia uma educadora, uma auxiliar, uma estagiária a auxiliar e uma estagiária a educadora.

A sala estava organizada por áreas tendo por base o modelo High-Scope, tinha placares para expor os trabalhos elaborados pelas crianças baseando-se no modelo Movimento da Escola Moderna e, como se esperava sendo o colégio católico, também eram seguidos os valores e a educação com base nos ensinamentos do padre Marcelino Champagnat, o fundador dos externatos Marista.

O tema do ano letivo de quando estivemos no jardim de infância era “Vê mais além”. Este tema foi definido a nível mundial, não era só no Marista de Lisboa, mas também em Espanha.

O horário da sala era o seguinte:

Até às 9h as crianças estavam na sala de acolhimento;

Às 9h a educadora ia buscá-las e até às 9h30min ou iam ao recreio se estivesse bom tempo ou ficavam a brincar na sala;

Das 9h30min até às 11h15min eram desenvolvidas atividades orientadas pela educadora, inicialmente as presenças, de seguida uma pequena conversa inicial e por fim era cantado o Bom dia Alegria! de forma a chamar alegria;

Às 11h15min as crianças iam fazer a sua higiene antes de irem almoçar;

Às 11h25min as crianças já estavam todas almoçar;

Às 12h20min as crianças iam fazer a sua higiene para depois irem dormir;

Das 12h30min às 14h30min as crianças faziam a sesta;

Às 14h30min as crianças começavam a ser acordadas e até ao lanche brincavam;

Às 15h15min lanchavam no refeitório;

A partir das 16h começavam a ir para casa, consoante os pais iam chegando.

Para a realização da caracterização do grupo foi-nos importante observá-lo e, a partir dessa observação, fazermos um registo do comportamento das crianças. Também foi-nos importante consultar o Projeto Educativo e o Plano Anual de Atividades dos 4 anos. Segundo Estrela (1990), a observação permite ao professor caracterizar o ato educativo e foi isso que nós fizemos nos primeiros dias do nosso estágio. Para tal,

recorremos à observação naturalista que, segundo o mesmo autor, é sempre realizada no meio natural, neste caso a sala da aula, e permite ao observador um distanciamento da realidade para a poder descrever da forma mais objetiva possível.

O grupo era constituído por vinte e cinco crianças a maioria com 4 anos e uma criança com 5 anos. Todas elas viviam num meio socioeconómico médio ou alto; pudemos compreender através da consulta das fichas individuais que a maioria dos pais das crianças eram licenciados ou tinham uma formação mais elevada.

Em relação ao grupo em questão, este era um grupo homogéneo e o seu desenvolvimento era muito semelhante. No entanto, verificámos algumas exceções, como foi o caso do P. que era a criança mais velha da sala porque fazia anos em dezembro e os pais optaram por colocá-lo mais tarde no jardim de infância. Notámos que a criança em questão apresentava um desenvolvimento um pouco tardio para a sua idade, ainda que nada muito significativo. Por exemplo, era um pouco inseguro e quando estava a fazer algum trabalho pergunta sempre a um adulto se estava bem, qual a cor que deveria usar, onde a deveria usar e por vezes falava a bebé; de resto, o grupo era muito homogéneo.

As observações que efetuámos demonstraram-nos que a educadora tinha uma relação muito boa com as crianças, ela era muito afetuosa e querida com as crianças, mas, quando necessário, estabelecia limites e repreendia o grupo. No entanto, isso raramente foi observado. As crianças gostavam muito da educadora e demonstram-no frequentemente, indo a correr ter com ela para lhe dar um beijinho, entre outras situações. Com o tempo de observação que tivemos deu para compreendermos que as relações na sala eram muito boas; até mesmo com a auxiliar as crianças tinham uma boa relação.

As crianças demonstravam interesse em situações novas e diferentes, gostavam de experimentar coisas novas e os seus interesses baseavam-se muito na brincadeira, o que era normal dada a sua idade. Em relação ao comportamento do grupo, podemos dizer que se comportavam bem, de modo geral. Existia uma ou outra criança mais agitada, mas para além disso, o grupo comportava-se bem no geral. A maioria das crianças participava de forma ativa nas atividades e nas rotinas, à exceção de uma ou outra criança que era mais tímida e de uma criança que, como era nova no grupo, ainda se isolava um pouco.

As observações indicaram-nos ainda quais as brincadeiras preferidas das crianças: os meninos preferiam brincar com os baybliads na pista de plástico que existia na

sala, enquanto as meninas preferiam brincar na casinha, mas também gostavam de fazer jogos. No recreio, os rapazes ou brincavam com os baybliads ou jogavam à bola; as meninas andavam no escorrega, saltavam à corda ou andavam de baloiço. De modo geral, todos gostavam de andar de triciclo.

Realizámos, no mesmo seguimento, uma caracterização individual de cada criança (anexo II) e para tal recorremos a uma check-list com base nas competências dos 4 anos e às fichas individuais de cada aluno que nos permitiu construir uma grelha de caracterização do grupo (anexo III).

3.2. Observação Naturalista

Numa primeira fase foi-nos importante recorrermos às observações naturalistas para conhecermos um pouco o grupo; foi através delas que podemos registar determinados comportamentos que numa observação direta e participativa não seriam registados. Como o próprio nome nos indica, observação naturalista é “[...] uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários [...]” (Afonso, 2005, p.91) .

Durante os primeiros dias foi-nos pedido que realizássemos pelo menos uma observação naturalista de um momento que considerássemos interessante e que servisse para conhecer cada vez melhor o grupo com que iríamos trabalhar. Das várias observações realizadas, destacamos uma que se refere a uma situação de acolhimento/iniciação das atividades. A educadora tinha por base iniciar as atividades com uma pequena história e, como mais tarde iríamos intervir, tínhamos que saber como deveriam ser mediados esses mesmos momentos. Esta observação foi-nos muito útil, pois possibilitou-nos conhecer o grupo enquanto este se encontrava no tapete, quais os seus comportamentos e atitudes, quais as crianças que mereciam mais atenção e quais as que tinham tendência para distrair os colegas, entre outras situações. Para além de observarmos as crianças, também nos possibilitou observar como a educadora dinamizava aquele momento, quais os cuidados que ela tinha e que nós mais tarde deveríamos adotar.

Pensamos que as observações naturalistas, apesar de curtas, foram muito importantes não só para conhecer-mos o grupo, enquanto este estava no tapete numa situação de acolhimento, mas também para perceber como o grupo trabalhava, como o grupo se comportava e quais as atividades preferidas das crianças, entre outros acontecimentos.

No anexo IV será apresentada a observação naturalista à qual nos referimos anteriormente.

3.3. Perspectivas Educacionais

Antes de definirmos as nossas próprias perspetivas, tivemos que ter em conta qual era o papel do professor. Segundo o livro *Educar a Criança*, com enfoque no que Piaget disse em 1976 o professor deve despertar a curiosidade das crianças, assim como também deve estimulá-las, através do encorajamento para que sempre que ela se sinta retraída possa dizer ao educador o que se passa com ela. Assim, Piaget citado no mesmo livro diz-nos que "Acima de tudo, o adulto deve continuamente encontrar novas formas de estimular a actividade da criança e estar preparado para adaptar a sua abordagem conforme a criança vai colocando novas questões ou imaginando novas soluções" (p.32)

Tendo por base os dados de caracterização, podemos concluir que as crianças em questão se encontravam numa zona bastante "rica", isto é, a zona tinha um pouco de todo o tipo de recursos essenciais - tinha diversas esquadras de polícia, tinha hospitais e centros de saúde, entre muitas outras coisas. Neste aspeto, a zona era bastante acessível, o que para nós constitui uma mais-valia porque assim, independentemente da problemática a trabalhar, de certeza que haveria a possibilidade de aproveitarmos os recursos da zona e isso seria uma mais-valia para nós e para as crianças. Em relação à instituição, esta proporciona às crianças diversas atividades do seu interesse e todas elas estão na instituição por algum motivo: não só pelo facto de estarem perto de casa, mas pelo facto dos pais serem católicos e o externato também, ou pelo facto dos irmãos andarem na instituição e os pais estarem satisfeitos com os resultados; cada um tem o seu motivo para frequentar este externato e nós esperamos que esses motivos sejam uma mais-valia para nós. Em relação à sala, esta era bastante ampla, estava muito bem organizada e tinha também muitos materiais, o que era bom porque assim o grupo podia experimentar vários materiais e os trabalhos não seriam todos do mesmo género. Para nós, o grupo em questão, o externato e a zona que o envolve eram importantes para uma boa prática educativa porque é pelo meio que a instituição se desenvolve e é através da instituição que as crianças aprendem. Pela nossa parte, esperamos através desta experiência ganhar novos conhecimentos e aperfeiçoar situações já anteriormente desenvolvidas.

Como perspetivas futuras esperamos que este estágio tenha feito com que a nossa teoria faça sentido, isto é, esperamos pôr em prática vários métodos de trabalho aprendidos, podendo assim refletir sobre a prática educativa. Este estágio permitiu-nos

adquirir conhecimentos em sala de aula, de forma a que nós, aprendizes, tenhamos conhecimentos práticos das funções profissionais. Este estágio, como qualquer outro, é sempre uma mais-valia para quem trabalha na área da educação porque permite-nos ganhar mais experiência e melhorar os conhecimentos, pois em educação está-se sempre a aprender e mesmo os educadores com algum tempo de serviço necessitam de nós para que lhe possamos transmitir novas ideias e novas formas de trabalhar, enquanto que para nós também é uma mais-valia porque aprendemos com eles a forma de trabalhar. De um modo geral, aprendemos uns com os outros e nesta área não há possibilidade de dizer “eu sei tudo” ou “eu faço tudo bem”, porque nunca se sabe tudo e há sempre algum ponto que podemos melhorar futuramente; daí ser uma profissão bastante importante e que requer muito de nós e com ela recebemos muitos bons momentos.

Esperámos com este estágio adquirir melhor experiência em relação a situações inesperadas, visto ser esse um dos nossos grandes problemas. Quando se tem algo planeado e não pode acontecer como tínhamos pensado, temos que ter a capacidade de modificar e contornar a situação. Esperámos, assim, ganhar um pouco mais de prática a esse nível, visto ser bastante importante nesta profissão e nós não nos sentíamos “preparadas” para essas situações.

O livro *Educar a Criança* ajuda-nos a compreender qual é exatamente o papel do educador, este é o responsável pelo conhecimento das crianças, assim como também é responsável por conhecer todo o assunto/tema a abordar para caso alguma criança pergunte algo que não estava pensado ele consiga responder facilmente. Por esta razão, é que Dewey dava grande preferência a atividades em que todos participavam. Segundo Dewey, “Quando a educação é baseada na experiência e na experiência educativa é vista como um processo social [...] O professor perde a posição de patrão ou de ditador das atividades de grupo e assume a de líder [...]” (p.33) .

3.4. Problemática/Área de intervenção prioritária em contexto de estágio

3.4.1. Descrição da problemática/Área de intervenção prioritária

A problemática em questão foi a Identidade. Definimos esta problemática porque em conversa com a educadora percebemos que era do seu interesse trabalhar com as crianças a sua identidade, o porquê do seu nome, entre outras coisas. Como se tratava de um grupo de 4 anos que aparentemente não apresentava problemas, decidimos trabalhar este tema visto ser fácil de enquadrar no seu plano anual de atividades. Esta problemática pretendeu que as crianças conhecessem um pouco de si, não só a nível físico ou familiar, mas, também, em relação aos seus gostos e às suas qualidades, entre outras coisas.

Esta problemática consolidou-se de forma abrangente, uma vez que o tema era transversal a todas as áreas de aprendizagem.

3.4.2. Definição

Na Psicologia existem alguns autores que falam da Identidade como, Piaget, Dewey, Erikson, Greenspan, Johnson, entre outros. Alguns focam-se mais neste tema a partir dos sete anos, mas há autores como Piaget e Erikson que falam deste tema antes dos sete anos. Segundo Sprinthall (2000) referenciando Piaget diz-nos que “Durante o estágio pré-operatório o pensamento sofre uma transformação qualitativa. As crianças já não estão limitadas ao seu meio sensorial imediato [...] A capacidade de armazenamento de imagens aumenta tremendamente [...] Dão-se importantes progressos. Uma vez que este é o período em que as crianças estão mais abertas à aprendizagem da língua, os adultos que falam muito com as crianças, lhes leem e ensinam canções e poemas infantis [...]”.

Com base na pesquisa realizada no livro de Weikart (1995), podemos concluir que a mente e o corpo funcionam em conjunto, daí dizermos que estão relacionados, sendo assim, não podemos separar o desenvolvimento pessoal do desenvolvimento cog-

nitivo. As crianças têm que se conhecer a si próprios primeiro, antes de conhecerem os outros. Têm que conhecer as suas crenças e as atitudes da sua família para depois, descobrirem as das outras crianças e, no final criarem relações positivas uns com os outros. No seguimento do mesmo livro, e para que a criança compreenda a sua identidade tem que se basear nos alicerces das relações humanas “[...] a identidade própria (self) é um conceito bastante abstrato, ele torna-se mais claro quando considerado no contexto de cinco capacidades identificadas na literatura do desenvolvimento infantil como constituintes fundamentais do bem-estar social e emocional da criança. O desenvolvimento da confiança nos outros, autonomia, iniciativa, empatia e auto-confiança proporciona a base para a socialização pela qual a criança passa na transição para a vida adulta. O desenvolvimento desta capacidade encontra-se particularmente facilitado num contexto de aprendizagem que apoie o desenvolvimento de relações sociais positivas.” (p.65).

No que se refere a crianças de quatro anos, no livro já referido, Greenspan (1985) dizia “[...] que as crianças até aos 4 anos evoluem, em termos emocionais ao longo de seis pontos de referência: auto-regulação e interesse pelo mundo, enamoramento, desenvolvimento da comunicação intencional, emergência de um sentido de identidade própria organizada, criação de ideias emocionais e de pensamento emocional [...]” (p.64).

Por outro lado, segundo o livro *Educar a Criança*, Johnson refere-nos a importância da identidade nas crianças, dizendo que a auto-compreensão da criança, ou seja, o conhecimento da sua identidade, se desenvolve quando ela está em contacto com outras pessoas. Este mesmo autor diz-nos que a criança tem consciência da sua identidade, o que por vezes até acaba por ser melhor que a dos adultos, por vezes esta não é a mais adequada. Com isto, Johnson (1990) quer dizer que “[...] o objectivo é colaborar com a criança de modo a que o desenvolvimento da sua identidade seja valorizado e realístico [...]” (p.63).

3.4.3. Intervenção

A intervenção foi a base do nosso estágio e foi com ela que adquirimos competências profissionais e conhecimentos e foi através dela que aprendemos e melhoramos a nossa prática educativa. Nesta altura, já passámos por alguns estágios em Pré-Escolar e já temos alguns conhecimentos de como se desenvolve a prática pedagógica, mas é sempre bom ganhar novos conhecimentos e foi isso que fizemos em cada local de estágio por onde passámos. Neste caso concreto foi-nos pedido que destacássemos a intervenção mais significativa com base na nossa problemática e assim foi. Decidimos escolher duas intervenções de janeiro, (anexo V) porque além de serem os pontos altos da problemática, estes foram dias onde as crianças puderam tomar consciência de alguns assuntos, que apesar de serem já seus conhecidos, não eram muito abordados.

Antes de iniciarmos o tema propriamente dito, houve uma pequena conversa com as crianças para lhes explicarmos o que iriam fazer. Foi dito que iriam conhecer um pouco de si e dos outros e, para tal, iríamos desenvolver vários trabalhos em conjunto. No entanto, antes de iniciarmos os trabalhos, começámos o tema com uma pequena história que se chamava “A menina que não gostava do seu nome”. Esta história abordava o assunto de uma menina que deixou de gostar do seu nome e foi perguntar a várias pessoas da família o porquê do seu nome, depois de conhecer a história, passou a gostar dele. Este foi um meio de introduzirmos o trabalho que tínhamos pensado para eles que consistia em levarem para casa uma folha que dizia “Chamo-me _____ porque...” e tinha também desenhado a letra do seu nome. Este trabalho pretendia que as crianças ficassem a saber o porquê de terem aquele nome e depois de perguntarem aos pais e, eles escreverem, em conjunto tinham que decorar a letra do seu nome como quisessem: podiam optar por fazer colagens e desenhos, entre outras coisas. Cada um era livre de decorar à sua vontade, assim que tivessem preenchido a folha com os pais, traziam-na para a escola para partilhar com os colegas, logo no início o grupo mostrou-se motivado o que mais nos motivou também. Neste seguimento do tema foi proposto às crianças criarem um pequeno livro sobre si próprias. Este livro continha várias imagens que as crianças tinham que pintar, preencher, fazer colagens e até mesmo escrever a sua “assinatura”. No final, este mesmo livro seria para cada criança levar para casa e mostrar aos pais. É evidente que são assuntos que os pais já conhecem, mas as crianças no dia-a-dia não pensam neles, tais como o facto de um ter olhos azuis e outro olhos castanhos, um ter cabelo liso e outro ter cabelo encaracolado, um ter cabelo castanho e outro loiro...

estes são alguns exemplos de situações pelas quais as crianças tinham que optar nos respetivos papéis de acordo com as suas características. A outra atividade consistiu em recortarem um pedaço de papel com a forma de um bolo e aí podiam desenhar ou até recortar as velas de acordo com a sua idade. Noutra atividade tinham de desenhar a sua própria mão, e por fim, tinham que escrever o nome num dos papéis como se fosse a sua assinatura. Pensamos que o grupo, no geral, gostou do trabalho e numa segunda fase será mostrado cada livrinho ao grupo de forma a que todos se conhecessem melhor.

No dia seguinte (anexo VI) continuámos os trabalhos e ainda acrescentámos uma pequena brincadeira. Antes de as crianças iniciarem os trabalhos nas mesas, foram mostradas ao grupo pequenas rimas com os seus nomes. Foi uma brincadeira para os motivar para saberem o porquê dos seus nomes. O grupo achou muita piada e no final queriam mais, mas não podia ser porque tínhamos trabalho para fazer e dissemos-lhes que quem sabe se mais tarde não seriam eles a fazê-las. Por acaso, tal não sucedeu, mas pensamos que eles até nem se importaram porque como quase todos os dias líamos o porquê dos seus nomes, isso acabou por ser uma substituição das rimas.

No final de cada dia tiveram que ser feitos registos para aferir qual o estado de cada criança em relação ao trabalho realizado e, como estavam em relação ao seu desenvolvimento motor, neste caso relativo à motricidade fina que foi a mais utilizada nestas atividades. Para tal, Wragg (2001) diz-nos que a maioria dos professores/educadores utiliza uma variedade de instrumentos de avaliação, como a observação, o registo em grelhas pré-preparadas, etc; por outro lado outros autores dizem-nos que tudo depende do objetivo de cada atividade e do contexto em questão. Foi mesmo isso que aconteceu, utilizámos a observação, principalmente nos desenhos onde eles tinham que pintar dentro dos limites e com as cores minimamente corretas. Foram utilizadas grelhas de registo em relação ao recorte e à forma como o fizeram e foram utilizadas grelhas para controlo do trabalho a realizar, entre outros registos.

Com base nas práticas desenvolvidas, podemos concluir que em educação, além de planificarmos e refletirmos temos que avaliar e, estas três situações não são separadas. Todas elas estão sempre interligadas e temos que as fazer a qualquer momento da intervenção, porque temos que pensar primeiro como vamos fazer uma determinada atividade, depois colocamos a atividade em execução e, caso o grupo não esteja a reagir muito bem, temos que avaliar e voltar a planificá-la nesse exato momento e logo aí já

estamos a repetir processos e a trocar-lhes a ordem. No fim da atividade temos que refletir sobre a sua execução: se o grupo gostou ou não, se estava motivado, se havia aspetos a ter em conta que não foram considerados, se numa próxima vez têm que ser feitos ajustes, entre outras coisas. Isto faz tudo parte da prática pedagógica de um profissional de educação e, como tal, temos que ter em atenção que não podemos limitarmo-nos a planificar, executar, refletir e avaliar; temos que o fazer durante a prática e não só no fim é assim que aprendemos e podemos melhorar e tornar o que se está a fazer interessante para a criança que é quem vai ganhar mais com isso.

3.5. Avaliação Individual das Crianças - Instrumentos

Para que a prática educativa seja o mais correta possível nós, profissionais de educação, temos que recorrer a diversos instrumentos e métodos de trabalho. Quando falamos numa prática diversificada e de qualidade implica que os instrumentos que utilizamos também sejam diversificados, no nosso caso foram usados diversos instrumentos de registo. Numa primeira fase, foram utilizados instrumentos de caracterização de forma a obter o maior número de informação possível sobre o local de estágio, a sala, o grupo, tudo o que se deveria saber de início. Passando a fase inicial, utilizámos como registos de observações as check-list's, que nos permitiram saber quais as competências que as crianças já tinham adquirido. No final, voltámos a repeti-las de forma a que pudéssemos observar como tinha sido a evolução do grupo durante o tempo que lá estivemos. Para além disso, foram também utilizadas outras check-list's no final das intervenções, estas por sua vez foram desenvolvidas por nós de acordo com os objetivos de cada intervenção.

Realizámos inúmeras observações, tanto as iniciais que foram observações naturalistas como durante a prática que foram de cariz de reflexão. Isto é, durante as nossas intervenções foi essencial que estivéssemos sempre a observar porque quando considerássemos que algo não estava a correr tão bem pudéssemos alterar e tornar a atividade melhor para as crianças, daí a observação durante a prática ser muito importante.

Durante a prática foram utilizados vários métodos de trabalho, todos eles adequados ao grupo e ao trabalho em questão, uma vez que na educação Pré-Escolar é essencial que os métodos trabalho sejam variados e, acima de tudo, do interesse das crianças. Todas as manhãs havia uma pequena conversa no tapete, eram realizadas as rotinas e somente após isso é que as crianças iniciavam os trabalhos, estes podiam ser ou não nas mesas dependia dos objetivos que estavam definidos para aquele dia.

Segundo Roldão (2004), “Avaliar é um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução” (p.41). Foi exatamente isso que nós fazemos constantemente, avaliámos em qualquer altura da nossa intervenção, antes, durante e depois. Daí ser importante a construção dos instrumentos de avaliação. Estes requereram de nós uma capacidade de síntese, o que para nós não foi uma tarefa fácil, porque há tanto para observar numa prática que é difícil escolhermos só uma par-

te. Ao longo deste estágio apercebemo-nos que existem sempre situações que nos remetem para uma avaliação mais específica e aí foram utilizadas as observações em contexto e as check-list's preenchidas à posterior.

Consideramos que as avaliações são uma parte muito importante na prática educativa porque é através delas que refletimos se tivemos ou não uma boa prática, é nela que refletimos se numa próxima vez temos que alterar algum ponto ou algum objetivo. De acordo com Diego (2000) a avaliação deve ser entendida pelos educadores como “[...] uma atitude de observação e escuta constante que permite ao professor analisar e interpretar o que vai ocorrendo com o fim de regular a sua intervenção na interacção com o grupo e com cada aluno e aluna em particular [...]” (p.60).

Nos termos das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, Ministério da Educação (1997) “[...] avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. [...] Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento [...]” (p.27), tendo em conta o referido, foi-nos pedido que realizássemos uma avaliação a uma criança de modo a que mais tarde pudéssemos elaborar um relatório para os pais e outro para técnicos, para tal recorremos a uma check-list onde no final fizemos uma pequena parte de observação onde explicámos os parâmetros que avaliámos. Ambos os relatórios exigiram de nós adequações, no que se refere ao relatório dos técnicos foi necessário usar uma linguagem mais formal com recurso a termos científicos, já nos relatórios dos pais foi algo mais informal, mantendo a linguagem formal, mas já não utilizámos tantos termos técnicos porque os pais podiam não os compreender ou intepretá-los de forma errada. (Anexos VII e VIII)

3.6. Caracterização Final com Evolução do Grupo ao Longo do Ano

Tendo por base a caracterização inicial e as que fomos realizando ao longo de todo o período de estágio, hoje foi-nos possível relatar de modo abrangente como foi a evolução de todo o grupo.

Começámos por fazer uma caracterização de acordo com os documentos consultados, neste caso as fichas das crianças, visto que ainda conhecíamos o grupo há pouco tempo e seria difícil já fazermos uma avaliação do seu nível. Mais tarde, por volta de novembro, foi-nos possível começar a registar como era realmente o grupo. Houve determinadas situações de que não nos apercebemos com a observação, daí não termos registado de início. Então, nessa altura, decidimos elaborar uma grelha de observação, que abrangia todas as áreas de conteúdo. Por vezes, foi complicado avaliar algumas das áreas porque algumas delas tinham que ser “provocadas” e como a nossa relação com o grupo ainda não era muito aberta foi um pouco complicado.

Nessa altura o grupo tinha todo quatro anos e, onde sentimos que tinham mais dificuldades era a nível da Autonomia; uns mais que outros, mas na sua maioria tinham dificuldades no que dizia respeito à alimentação e a movimentarem-se autonomamente na sala. De um modo geral, nos outros pontos estavam todos muito semelhantes e de acordo com a faixa etária, por sua vez o A. era um menino novo na sala e teve alguns problemas de integração, o que é normal porque todas as outras crianças já tinham estado nos três anos juntas e ele tinha acabado de chegar, ele mostrou ser um pouco “acanhado”, mas com o passar dos tempos e com a ajuda dos adultos a relação dele com os pares foi-se tornando melhor e acabou por se relacionar lindamente com todos e brincavam todos juntos.

No que respeita à evolução de todo o grupo, podemos dizer que evoluíram bastante: a maioria atingiu os objetivos que eram propostos para as crianças de quatro anos. Podemos ver como todas as crianças cresceram, cada uma ao seu ritmo. Por exemplo, o Ant. no início era um menino muito reticente face aos trabalhos, não os conseguia realizar na totalidade e tinha grandes dificuldades em escrever o seu nome; no final já não era assim, era mais motivado para os trabalhos, já escrevia o seu nome praticamente sem ver o cartão e notava-se nele uma grande evolução (em conversa com a educadora, ela disse-nos que falou com os pais sobre a situação da criança e pode ter sido o trabalho que os pais fizeram em casa que o tenham ajudado a evoluir). Outro caso era o da Cat. que era a menina mais nova do grupo e no início isso foi muito notório, já que en-

quanto as restantes crianças tentavam escrever o nome copiando pelo cartão, esta menina mostrava grandes dificuldades. Por esta altura já deve conseguir escrevê-lo bem. No caso do P., de início a educadora disse-nos que ele aparentemente não tinha nenhum problema, mas que estava a ser seguido pela psicóloga. Realmente pudemos observar situações em que a psicóloga foi à sala e esteve com esta criança, o seu trabalho era orientá-lo nas tarefas que estávamos a fazer porque o P. sempre foi um menino um pouco “inseguro” em como fazer os trabalhos. Por exemplo, se tinham que pintar algo ele perguntava várias vezes quais as cores que deveria usar, onde deveria pintar, se estava a pintar bem, entre outras coisas. No final, podemos observar que ele já é um pouco mais seguro de si, já não necessita de perguntar constantemente qual a cor que deve usar e situações desse género. Estes foram os casos mais significativos que notámos ao longo do estágio, mas claro que todas as crianças tiveram as suas evoluções porque agora no final pudemos ver como “cresceram”, não só em altura, mas também em maturidade.

Pensamos que a evolução do grupo foi bastante positiva: cada um evoluiu à sua medida, uns mais depressa que outros, mas isso é normal. O crescimento não se faz da mesma forma em todas as crianças, o essencial era que quando chegassem ao fim tivessem atingido todos os objetivos da idade deles e podemos dizer que na sua maioria o conseguiram e foram bem “encaminhados” para os cinco anos.

Enquanto grupo, podemos dizer que no início eles já era muito ligados uns aos outros, exceto o A. porque tinha acabado de entrar no grupo, mas de modo geral todos eles se davam bem. Pudemos observar que em situações de recreio ou de brincadeira haviam algumas preferências. Todas as crianças têm os seus gostos e podem gostar mais de uma pessoa do que de outra, o que não impede que não trabalhem juntas; quando era pedido que fossem para as mesas, tentavam sentar-se sempre perto do amigo, mas isso nem sempre era possível porque nas mesas tinham que estar menino-menina e por norma os meninos davam-se mais com os meninos e as meninas com as meninas. Então, tinham que ficar sempre um pouco afastados dos colegas e por vezes nós ainda os “afastávamos” mais porque haviam determinados trabalhos que necessitavam de mais concentração e haviam crianças que, quando estavam perto dos amigos, falavam muito e acabavam por distrair os restantes colegas. Então, tivemos que encontrar estratégias para que os trabalhos em grande grupo funcionassem melhor. Em situação de tapete, por vezes também foi complicado, porque as crianças queriam sentar-se ao pé dos amigos, mas o que acontecia era que em vez de estarem com atenção ao que estava a ser falado estavam na conversa uns com os outros e isso acabava por ser incomodativo. Para solu-

cionar essa situação, a educadora decidiu que no tapete também se iriam sentar menino-menina e pensamos que isso foi uma mais-valia porque assim as crianças conseguiam manter-se atentas ao que estava a ser feito. Por vezes, haviam distrações, mas tratam-se de crianças e não aguentam estar muito tempo sentadas no mesmo sítio.

Pensamos que o grupo evoluiu muito a nível individual e a nível de grupo; essa evolução foi bastante notória para quem esteve no início do ano com o grupo e quem o acompanhou até ao final. O facto de “seguirmos” um grupo desde o início é bom para nós, porque podemos ver a sua evolução a nível pessoal e como se relacionavam com os pares e para nós isso foi muito bom porque vimos a evolução das crianças e sentimo-nos gratificadas por termos feito parte dessa mesma evolução.

3.7. Conclusão Reflexiva – Avaliação do Processo e Auto-Avaliação

Segundo o dicionário, “refletir” provém do latim *reflectere*, que significa «voltar para trás; virar», isto é, todos os profissionais de educação devem ter sempre em mente esta pequena palavra “refletir”. É nela que se baseia toda a nossa prática diária. É refletindo que “ponderamos (sobre), meditamos (sobre)” e isso faz parte da nossa prática como educadores. Este relatório tem por base uma grande reflexão, ou seja, depois de longos meses em prática educativa foi-nos essencial refletir sobre o que foi feito e como foi feito.

Para Schön (1997/2000) existem três momentos de reflexão que podem auxiliar o professor na sua atividade; são eles: a reflexão na ação, a reflexão sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão-na-ação.

- A reflexão na ação ocorre quando o professor reflete no decorrer da própria ação e a vai reformulando, ajustando-a assim a situações novas que vão aparecendo;

- A reflexão sobre a ação acontece quando o professor reconstrói mentalmente a ação para analisá-la retrospectivamente. O olhar a posteriori sobre o momento da ação ajuda o professor a perceber melhor o que aconteceu durante a ação e como resolveu os imprevistos ocorridos;

- A reflexão sobre a reflexão-na-ação é um processo que fomenta a evolução e o desenvolvimento profissional do professor, levando-o a construir a sua própria forma de conhecer. Este tipo de reflexão, que podemos definir como meta-reflexão, leva o professor a desenvolver novos raciocínios, novas formas de pensar, de compreender, de agir e equacionar problemas.

Com base no que Schön nos diz, todos sabemos que nas práticas diárias, uma vez que estamos envolvidos nas situações, tentamos modificar alguns aspetos e somos sensíveis, ou pelo menos espera-se que sejamos, à sua intervenção.

Como já foi referido anteriormente, houve um longo tempo de estágio, isto é, o estágio iniciou-se em outubro de 2012 e terminou em junho de 2013. Foram oito meses de prática educativa, onde houve espaço para um curto período de observação (cinco semanas equivaleram a dez observações) e um longo período de intervenção (cinquenta intervenções). Este estágio decorreu no Externato Marista de Lisboa com um grupo de vinte e cinco crianças de quatro anos de idade, mais precisamente na sala encarnada com a educadora Cristiana Galante; este realizou-se todas as terças e quartas feiras da parte da manhã. Antes de iniciarmos as intervenções, foi necessário um curto tempo de

observação e nele foi-nos possível realizar observações participadas e naturalistas; realizá-mos também as caracterizações do meio envolvente, da instituição, da sala e do grupo; estas foram-nos bastantes úteis, uma vez que, conhecendo todos estes meios envolventes, foi-nos possível adequar a nossa prática ao grupo em questão e assim planificar de acordo com as necessidades e interesses do grupo.

“ [...] observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades.” (Educação, 2007, p.25)

No início tivemos que definir as nossas perspetivas educacionais, descrevendo um pouco como esperávamos que fosse o estágio, mas também alguns pontos que queríamos ver desenvolvidos na nossa prática, como foi o caso das situações inesperadas. Apesar de nunca conseguirmos saber previamente como as devemos resolver, foi importante nesta prática educativa passarmos por algumas; no início não foram fáceis de resolver, mas à medida que o tempo foi passando foram tornando-se mais fácil e hoje podemos dizer que já conseguimos lidar melhor com as situações inesperadas. Sabemos que quem trabalha com crianças terá muitas vezes na sua prática educativa situações inesperadas, ou porque as crianças neste dia não estão predispostas a fazer o que tínhamos planificado, ou porque tínhamos planificado uma atividade para vinte crianças e só apareceram dez. Todas estas situações podem ser resolvidas e nada melhor como *Refletir* e modificar a ideia inicial e quem sabe até torná-la mais interessante do ponto de vista das crianças.

No que se refere à problemática em questão, esta não foi um problema em si; podemos dizer que foi mais uma forma de as crianças se conhecerem a si próprias daí o tema Identidade. Isto é, foram apresentadas tarefas às crianças que pretendiam que elas tomassem consciência de si próprias, não só em termos de se conhecerem fisicamente, mas também de conhecerem os outros que as rodeiam, neste caso os colegas da sala. No nosso ponto de vista, esta problemática, como lhe chamámos de início, foi desenvolvida com bastante sucesso: o grupo mostrou-se muito motivado para as atividades que foram sugeridas e no final puderam ficar a conhecer-se um pouco melhor, assim como, aos colegas. Desde o início que esta problemática tinha uma vertente transversal e foi nesse sentido que a tentámos desenvolvê-la. Foram abordadas todas as áreas de aprendizagem, desde a formação pessoal e social, ao conhecimento do mundo, à matemática, à lingua-

gem oral e abordagem à escrita, às expressões, basicamente todas elas. Consideramos que isso foi um benefício, porque assim as crianças não se limitaram a desenvolver mais uma área que outra; desenvolveram-nas todas. No entanto, não foram todas trabalhadas ao mesmo tempo. Por vezes dêmos mais destaque à matemática, outras vezes à linguagem oral e abordagem à escrita, outras ao conhecimento do mundo e outras vezes às expressões; a formação pessoal e social esteve sempre presente, mesmo quando não “lhe demos destaque”.

Após decidirmos qual seria a problemática e antes de iniciarmos as intervenções, foi-nos pedido que construíssemos um plano anual de atividades este tinha que estar de acordo com a nossa problemática e com o plano anual de atividades da instituição. De início foi complicado planificar para o ano todo, mas à medida que o íamos preenchendo fomos compreendendo que afinal ele era só um “esboço” do que pretendíamos fazer durante a nossa prática. Podemos dizer que a maioria das atividades que lá propusemos foram realizadas, talvez não da forma como tínhamos pensado inicialmente, mas da forma que o grupo permitiu. Hoje compreendemos a importância de elaborar um plano anual de atividades.

Neste seguimento de prática, tivemos que planificar e após colocar em prática essa mesma planificação tivemos que refletir sobre ela. No que respeita às planificações, sentimos que no início eram algo complicado e estranho de fazer, mas à medida que o tempo foi passando e a sua realização foi mais contínua percebemos como a devíamos fazer e qual a sua importância. Como nos diz Bassedas, Huguest e Solé (1999), planificar permite tornar “[...] consciente a intencionalidade que preside a intervenção; permite prever as condições mais adequadas para alcançar os objectivos propostos; e permite dispor de critérios para regular todo o processo. [...] Planejar é uma ajuda para ordenar e organizar um ensino de qualidade [...]” (p.113,114). Durante as planificações também tivemos que ter em conta as características individuais e do grupo, assim como também a forma de ser e de estar das mesmas; mas também tivemos que saber como interligar todas as áreas de conteúdo e para isso tivemos que desenvolver um “processo flexível de aprendizagens que corresponda às suas intenções e objectivos educativos e que tenha sentido para a criança” (Educação, 2007, p.50). Após a planificação, foi necessário implementá-la e por vezes esta sofreu ajustes no momento, outras vezes só depois de a realizarmos é que tomámos consciência de que se calhar não devíamos ter procedido dessa forma mas sim de outra, em algumas situações só soubemos depois de realizarmos a atividade. No papel, pareceu-nos uma atividade perfeita e adequada e quando chegámos

à prática apercebemo-nos que afinal o grupo não estava predisposto a fazê-la ou afinal não se adequava, ou por outro qualquer motivo não correu bem. Saracho (1998) justifica bem o facto de as atividades nem sempre correrem como planificamos dizendo que “As crianças não são adultos em miniaturas e não devemos esperar que se comportem como tal. Os professores devem desenvolver expectativas razoáveis quanto ao comportamento infantil. Não devemos esperar que as crianças pequenas, por exemplo, fiquem sentadas em silêncio ou prestem atenção por longos períodos de tempo. À medida que amadurecem, elas desenvolvem sua capacidade de permanecerem quietas por períodos cada vez maiores de tempo” (p.158). Esta citação reflete bem como devemos olhar para as nossas crianças e não culpá-las pelo fracasso das atividades que lhes propusemos, devendo, sim, refletir sobre elas e numa próxima vez tentar superá-las para que não voltem acontecer. Foi o que nos sucedeu em algumas das nossas práticas, o que ajudou-nos a aprender e a refletir sobre o porquê de não terem corrido como planificado. Nesse momento, o que estivemos a fazer foi a avaliar a nossa prática e para Abrantes (2002) “A avaliação é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas.”(p.9). Em suma, segundo o Ministério da Educação (2007), quando avaliamos o processo e os efeitos da nossa prática estamos a tomar consciência da ação e assim podemos adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e até mesmo à sua evolução. (p.27).

Como forma de conclusão, podemos dizer que consideramos que este estágio em Pré-Escolar decorreu de modo positivo, apesar de no início terem surgido algumas dificuldades no controlo do grupo, assim como, na gestão do tempo. Pensamos que essas mesmas dificuldades foram superadas e, no final, já havia um maior controlo no grupo e este já começava a perceber que não estávamos com eles só para brincar, mas também para ensiná-los, o que se tornou claro quando perguntavam “Quando é que vamos fazer trabalhos?”. Para nós isso foi bom porque demonstrou por parte das crianças gosto naquilo que lhe propusemos que realizassem. Apesar de já termos tido outros estágios em Pré-Escolar, cada grupo é um grupo e temos que saber adaptar-nos a eles e às práticas que são desenvolvidas nos colégios ou até mesmo nas salas de aulas. Neste caso, podemos dizer essa adaptação aconteceu de modo positivo, o grupo acolheu-nos bem e foi bastante recetivo às atividades que lhes apresentamos. Pensamos que a nossa prática teve algum impacto no grupo de modo positivo, isto é, no nosso ver as crianças com as várias atividades propostas por nós aprenderam “coisas” novas e tentámos também de-

envolver uma prática variada. Tentámos que cada intervenção fosse melhor que a anterior para que o grupo estivesse sempre motivado e interessado. No que respeita à postura, sentimos que foi adequada e sempre adaptada às situações; sempre que necessitavam que ajudássemos dispusemo-nos, não porque ficaria bem numa situação de estágio, mas porque foi uma mais-valia para nos fazermos/ajudarmos noutras atividades.

Sendo assim, podemos dizer que com este estágio sentimos que evoluímos tanto a nível pessoal como profissional, ou seja, aprendemos novas técnicas de trabalho, novas formas de lidar com os grupos, formas de resolver conflitos e situações inesperadas, entre outras coisas. Cada estágio é um estágio e todos eles nos marcam uns mais que outros, mas todos eles são muito importantes principalmente para nós, futuros profissionais de educação. Nunca sabemos tudo, estamos sempre a aprender e, de modo geral, essa deve ser a nossa ideia inicial. Para onde quer que vamos, vamos a aprender e de certo modo vamos ensinar porque existem “coisas” novas que levamos para os locais de estágio por onde passamos. A seguinte frase ilustra perfeitamente como deve ser um educador “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (Paulo Freire, 1991, p.58).

4. Estágio da Prática de Ensino Supervisionada II - 1.º Ciclo

4.1. Caracterização da Sala e do Grupo

Para a realização desta caracterização foi-nos importante observar a sala e, a partir dessa observação, criámos a planta da sala. Foi igualmente importante consultar o Projeto Educativo e o Projeto Curricular de Turma. No seu livro Perestrelo (2001) refere o que é a avaliação participante segundo Pourtois e Desmet (1988), dizendo que é “o registo das acções perceptíveis no seu contexto natural” ou “a descrição de uma cultura do ponto de vista dos seus participantes” (p.123). Neste seguimento, a autora explica-nos que o primeiro se refere à descrição das componentes da situação analisada como os lugares, os atores e os comportamentos; já a outra ultrapassa os aspetos descritivos e procura descobrir o sentido, a dinâmica e os processos das ações e dos acontecimentos; e é isso que pretendemos demonstrar de seguida relativamente à sala e ao grupo com que estivemos, uma vez que realizámos observações naturalistas para os caracterizar.

A sala da turma do 2.º ano A era constituída por vinte e sete alunos, treze do género feminino e catorze do género masculino, todos eles entre os 6 e os 7 anos. Para uma melhor caracterização da sala elaborámos uma planta (anexo IX), onde se pode observar como estava organizada a sala e quais os materiais que dela faziam parte. Pode observar-se que existiam vinte e nove mesas individuais e duas mesas grandes retangulares. Na sala existia também um armário e duas estantes. No fundo da sala existia um armário baixo bastante comprido onde eram guardados alguns materiais. A sala era bem iluminada com luz natural, tinha seis janelas do teto ao chão e, para além da iluminação natural, também tinha iluminação artificial fornecida por várias lâmpadas. A sala estava equipada com um computador para uso da professora. Com isto, podemos dizer que a sala tinha boas condições. Em relação aos recursos humanos existentes na sala, tratava-se somente da professora titular, ainda que por vezes a psicóloga se deslocasse à sala para dar apoio uma a duas vezes por semana. Existiam também duas auxiliares de ação educativa que vigiavam os alunos quando era necessário.

O tema do ano letivo do 1.º Ciclo do ensino básico era “Semeia a Esperança”. Este tema foi definido a nível mundial, não é só o tema nos Marista de Lisboa, mas também em Espanha. Relativamente ao horário da turma (anexo X) esta só tinha aulas

com a professora titular na parte da manhã todos os dias onde eram lecionadas as disciplinas de Português e de Matemática. Da parte da tarde os alunos tinham as atividades extracurriculares exceto às quartas e às sextas que tinham aulas de estudo do meio ou expressões com a professora titular. Para a realização desta caracterização do grupo foi-nos importante observá-lo e, a partir dessa observação, fazermos um registo do comportamento dos alunos. Também foi fundamental consultarmos o Projeto Educativo e os inquéritos realizados pela professora aos pais.

Com base nas observações realizadas e nos documentos consultados podemos dizer que a maioria dos alunos residem na zona envolvente ao externato e, de acordo com os inquéritos realizados pela professora, foi-nos possível constatar que a maioria dos encarregados de educação têm uma formação elevada e exercem cargos profissionais de responsabilidade. Também com base nas observações, podemos dizer que os alunos se davam todos bem, assim como também com a professora. A professora mantinha com os alunos uma boa relação e eles tinham-lhe respeito e gostavam dela. Os alunos entre eles parecia que se davam bem, mas com certeza que teriam as suas divergências; é normal, sendo crianças. No que diz respeito ao comportamento do grupo podemos dizer que, de modo geral, se comportavam bem. No entanto, haviam alguns alunos que se destacavam pelo lado negativo: ou porque estavam maior parte do tempo a conversar com os colegas e a professora acabava por aborrecer-se com eles, ou porque passavam algum tempo virados para trás e isso também não era um comportamento correto em sala de aula; em contra partida na sala existiam alunos que estavam atentos e sossegados no seu lugar. Podemos dizer que estes comportamentos eram naturais, uma vez que todos os alunos são diferentes e cada um tem a sua maneira de ser. Por outro lado, não era muito natural visto já estarem no 2º. Ano, devendo por isso ter adquirido as regras sobre como estar numa sala de aula. Refletindo um pouco sobre o assunto, chegámos à conclusão de que por ser início do ano letivo eles tinham estes comportamentos, mas, de certo modo, já não era esperado que os tivessem. Esperámos que com o passar do tempo estes mesmos comportamentos melhorassem.

Em relação aos seus interesses, com base nos inquéritos que os encarregados de educação preencheram, podemos dizer que as meninas, no geral, gostavam de brincar, passear e ver televisão; já os meninos gostavam de fazer desporto, jogar computador, ler e estar com os amigos. Estes dados podem ser consultados no anexo XI. Em relação aos conhecimentos dos alunos, no início foi-nos complicado obter essas informações, por-

que o tempo de observação foi curto, mas com o passar dos dias pudemos observar realmente como era.

Neste contexto realizámos, também uma avaliação individual a cada aluno (anexo XII) e para tal foi-nos útil a observação direta, bem como a check-list que elaborámos com base nas metas curriculares do 1.º Ciclo do ensino básico para o 2.º ano.

4.2. Observação naturalista

Numa fase inicial foi-nos necessário ter um período de observação que nos permitiu conhecer o grupo, a forma como a professora lecionava, como o grupo se comportava durante as aulas, entre outras situações; e é isso que nos diz Monteiro (2002) “[...] a observação permite a recolha de informação, enquanto decorre o processo de ensino-aprendizagem, sobre o desempenho do aluno, das destrezas desenvolvidas e das suas atitudes.” (p.54). Por outro lado, tudo isto foi-nos importante porque tivemos que planificar e lecionar as aulas e para tal tínhamos que saber como o deveríamos fazer e como os alunos estavam habituados a que tal fosse feito. Como Monteiro (2002) refere com a observação “[...] o professor aprende a identificar e a responder às necessidades de cada aluno e, conseqüentemente, a planificação a efectuar será mais fácil, porque é adaptada à realidade.” (p.54).

Nos primeiros dias de estágio foi-nos pedido que realizássemos pelo menos cinco observações naturalistas de um momento que considerássemos interessante e que fossem importantes para conhecer melhor a turma onde estávamos inseridas. Das observações que realizámos, destacamos uma (anexo XIII), não por ser a mais importante porque todas as são, mas pelo facto de nos demonstrar como era o início das aulas dos alunos. A professora tinha por norma começar sempre a aula com um pequeno bom dia; este consistia em ler histórias, tanto por parte da professora como dos alunos, e por vezes era o momento em que os pais vinham à sala. Na observação que apresentamos, fazemos um pequeno relato de um desses dias quando a professora fazia a leitura de uma história. Podemos considerar o momento do bom dia como um momento “rico”, isto é, era quando os alunos estavam calmos e atentos. Além de aprenderem com as histórias que a professora lia, podiam ler as suas histórias aos colegas e até contar algo que para eles fosse importante. Além disso, em determinadas alturas os pais vinham à sala e falavam sobre um tema que consideravam importante para os alunos. De modo geral, esta observação foi-nos importante porque, como tivemos que lecionar as aulas, necessitávamos de saber como dinamizar aquele momento que consideramos tão pertinente. Com base no referido, consideramos que as observações naturalistas, mesmo sendo curtas, foram sempre importantes, visto terem-nos permitido o distanciamento necessário e, assim, registámos a realidade observada, e também conhecemos melhor o grupo em questão.

4.3. Perspectivas Educacionais

Como perspectivas futuras esperamos que este novo estágio em 1.º Ciclo nos ajudasse a compreender todas as teorias que tínhamos adquirido, esperamos também conseguir colocar em prática vários métodos de trabalhos aprendidos durante todos estes anos de estudo. Quisemos que no final deste estágio pudéssemos refletir sobre a nossa prática educativa, se foi a mais adequada ou não e o porquê de não ter sido, porque será isso que nos fará crescer e nos ajudará futuramente. Considerámos este estágio uma vantagem, porque nos permitiu ganhar experiência e conhecimentos, pois nós, profissionais de educação, estamos sempre a aprender uns com os outros e é assim que se constrói uma boa prática educativa, com a partilha de saberes. Com este estágio esperamos ter adquirido mais experiências da vida escolar e, acima de tudo, esperamos reagir melhor a situações inesperadas e ter capacidade de ser firme quando dizemos algo, os alunos têm que perceber que não estamos ali para brincar com eles, mas para os ensinar.

Esperámos também conseguir lecionar as aulas de forma clara e adequada, pois esse era o nosso grande receio, não ser capaz de transmitir aos alunos a matéria, não porque nós não a compreendêssemos, mas porque a explicávamos de forma errada. O facto de darmos aulas é algo que, de certo modo, nos causava receio, pela responsabilidade pedagógica inerente à situação de transmitir conhecimentos e valores a futuros cidadãos. Este estágio de certeza que nos ajudou a poderemos dizer “Sim, nós somos capazes”.

4.4. Problemática/Área de intervenção prioritária em contexto de estágio

4.4.1. Descrição da problemática/área de intervenção prioritária

A problemática que desenvolvemos teve a ver com o comportamento da turma. Durante a observação pudemos ver que o grupo era muito agitado, tendo alguns alunos que se destacavam pela negativa e que acabavam por distrair toda a turma com piadas sem graça, com expressões que eram infelizes porque só faziam com que os outros se rissem sem que houvesse motivo e quem dizia a piada sentia-se feliz porque os outros se riem do que ele dizia. Pensámos que com esta pequena intervenção podíamos vir a melhorar essas atitudes na turma, assim como também o facto de passarem algum tempo virados para trás e a conversarem uns com os outros. A professora já tinha feito algumas alterações de lugares, mas pensamos que esta pequena intervenção ajudou a melhorar não só os comportamentos, como também as atitudes dos alunos na sala de aula. A nossa área de intervenção foi a formação pessoal e social, destacando os comportamentos e atitudes que os alunos deviam ter na sala de aula. Podemos, no anexo XIV, observar como propusemos que fosse feita essa mesma intervenção.

4.4.2. Definição

Quando trabalhámos esta problemática tivemos que ter em atenção quais os problemas que estavam inerentes à indisciplina, ou seja, aos maus comportamentos na sala de aula. Segundo Silva, Nossa, Silvério, e Ferreira (2008) estes podem ser considerados distúrbios de défice de atenção com hiperatividade, ou distúrbios de conduta, ou até distúrbios de desafio-oposição. No entanto a indisciplina também pode ter estado relacionada com problemas de liderança em sala de aula, deficiente uso das técnicas de motivação por parte dos professores e de certo modo, a pouca colaboração dos pais no ensino, o que pode ter levado a uma desvalorização dos atos reincidentes dos alunos. Com base nisto, convém pensar em como intervir e, para tal, recorremos aos conhecimentos que temos das teorias behavioristas, tendo em conta a análise das exteriorizações relacionais dos sujeitos na sua globalidade, ou seja, tivemos que ter em atenção os “sinais” que os alunos nos transmitiram e, com base nisso, fizemos uma análise de como deveríamos intervir.

Lourenço e Paiva (2004) caracterizam os comportamentos de indisciplina como sendo comportamentos escolares disruptivos, ou seja, são comportamentos que prejudicam a aprendizagem dos restantes alunos e fazem com que a eficácia do ambiente de ensino seja menor. Estes mesmos autores dizem-nos que os alunos ditos disruptivos são alunos com alguma indisciplina e por vezes não acatam as regras, fazendo assim com que exista uma transgressão das regras escolares e isso acaba por prejudicar as condições de aprendizagem, assim como o ambiente de ensino, acabando por prejudicar o relacionamento de todos os alunos. Por outro lado, Lopes (2003), define como comportamentos problemáticos quaisquer comportamentos exibidos pelos alunos e que os professores consideram impeditivos do bom funcionamento da sala de aula, mais concretamente das aprendizagens que são realizadas em contexto de sala de aula.

Não podemos ver somente o lado negativo da situação, temos que refletir também sobre o que Hohmann (1997) nos diz no livro *Educar a Criança* onde refere que a mente e o corpo funcionam simultaneamente e estão sempre relacionados, ou seja, se os alunos em si já são agitados, é natural que isso depois se reflita no seu comportamento na sala de aula. Para assegurar as melhores condições de aprendizagem, é melhor intervir de início do que mais tarde.

4.4.3. Intervenção

A nossa intervenção foi a componente mais importante do estágio. Através dela adquirimos conhecimentos e competências e foi com base neles que podemos melhorar sempre a nossa prática educativa. Em relação aos estágios em 1.º Ciclo, este foi o segundo que tivemos e, apesar dos conhecimentos que temos ainda serem diminutos, já conseguimos adquirir algumas competências referentes à prática pedagógica. Referindo-nos a este mesmo estágio, foi-nos pedido que escolhêssemos a intervenção mais significativa da nossa prática e de preferência com base na nossa problemática. Neste caso em concreto, a planificação que escolhemos não é muito notória a nossa problemática porque como esta era trabalhada todos os dias e principalmente no final da manhã era complicado descrevê-la, deste modo decidimos escolher a última planificação realizada que foi referente às horas.

Esta intervenção tinha como principal objetivo ensinar as horas aos alunos e, para tal, decidimos que iríamos iniciar a nossa intervenção com um olhar relativo à evolução dos relógios. Antes de iniciarmos, tentámos sempre criar alguma expectativa nos

alunos para que a prática fosse mais dinâmica e interessante e para tal recorremos à imagem do relógio mais antigo, o relógio de sol. Nessa altura, a maioria dos alunos identificou a imagem como sendo uma bússola e explicámos-lhes que não poderia ser uma bússola, visto que estávamos a trabalhar as horas; neste seguimento houve um aluno que o identificou como sendo o relógio de sol e nos concordámos e explicámos como era o seu funcionamento. De seguida, os alunos foram questionados se aquele relógio era infalível e os alunos acharam estranho e não responderam. Então decidimos perguntar-lhes se, caso não houvesse sol e se o céu estivesse nublado, se eles conseguiam ver as horas. Nessa altura eles acabaram por dizer que não e então dissemos-lhes que os nossos antepassados criaram um novo relógio e falámos do relógio de água, das suas características e das suas limitações. De seguida, passámos para o relógio de bolso, depois para o relógio de ponteiros e por fim para o relógio de pulso digital. Em todos foi explicada a sua função, onde eram normalmente usados e quais as contrapartidas que haviam na sua utilização. Os alunos participaram ativamente nesta parte da manhã, relatando situações do seu dia-a-dia, tais como o facto de os avós terem em casa relógios de cuco ou de pêndulo. Deram exemplos de situações onde podiam observar o relógio de bolso, como nos filmes do TinTim, e até houve um aluno que referiu que o pai usava esse tipo de relógio, mas no bolso das calças, visto termos dito que naquela altura era utilizado no bolso do casaco.

Assim que terminámos as evoluções dos relógios, passámos ao relógio a ponteiros, colocámos no quadro um relógio que levámos para que os alunos pudessem ver como funcionava e que, assim, ajudava a colocar em prática as atividades que tínhamos planeado para eles. Começámos por explicar os ponteiros e logo houve um aluno que nos questionou sobre o facto de o relógio não ter o ponteiro dos segundos e nós dissemos-lhe que, se tivesse o ponteiro dos segundos, tínhamos que estar sempre a movimentá-lo porque ele não pára e para a atividade em questão não se justificava; nessa altura, o aluno acabou por concordar. Foram trabalhadas várias noções relativamente às horas. Foi explicado à turma que normalmente utilizávamos os mesmos números para dizer as horas de dia e as da noite. Como o relógio só tinha as horas até 12, decidimos escrever no quadro as horas da tarde (13, 14, 15, 16,...), porque antes de nós explicarmos os alunos estavam muito confusos por só termos doze números e isso não era realmente as horas que eles conheciam. Assim, antes disso tivemos que fazer uma pequena revisão sobre quantas horas tinha o dia porque os alunos já não se lembravam. A partir desta informação foi tudo mais fácil e eles compreenderam o porquê de o relógio só ter núme-

ros até doze e depois nós continuámos a contagem até ao 24 que era o número total de horas. Durante esta parte da aula houve várias dúvidas: uns alunos porque não estavam muito atentos e outros porque não estavam mesmo a compreender. Com base nisso, decidimos explicar de modo geral, recapitulando tudo outra vez, e aí já todos tinham compreendido. Como forma de colocar tudo isto em prática, realizámos uma ficha em conjunto e a seguir realizámos um jogo. Este jogo consistia em alunos, aleatoriamente, retirarem um cartão com as horas que depois tinham que mostrar e os colegas registavam na folha. Só depois de todos terem feito o seu registo é que foi feita a representação no quadro e corrigido o que havia a corrigir. Como começou a haver alguma agitação durante o jogo, tivemos que definir novas regras, tais como retirar pontos a quem estava a conversar demais ou estava a dar as respostas aos colegas. No final do jogo, todos os alunos fizeram a contagem dos pontos e no final foram atribuídos prémios. O primeiro prémio era construir um relógio com ponteiros, o segundo prémio era um relógio sem ponteiros e os últimos lugares ganhavam um relógio de pulso. Enquanto distribuímos os prémios houve um aluno que se mostrou revoltado com o seu resultado e não gostou do prémio que lhe foi atribuído, tanto que o atirou para fora da mesa. Nessa altura apanhámos o papel, mas a professora pediu que o colocássemos no mesmo sítio porque tinha que ser o aluno apanhá-lo e assim foi.

De modo geral, os alunos compreenderam a matéria e gostaram da forma como esta foi trabalhada, porque eles participaram ativamente e colocaram em prática todos os conhecimentos daquele dia. No que se refere ao comportamento, este foi um pouco agitado porque como foi uma aula muito participativa os alunos tiveram tendência a conversar uns com os outros sobre o que estávamos a fazer, pelo que optámos por os repreender durante o jogo retirando pontos. Esta regra não estava definida desde o início, mas foi adaptada à circunstância.

Após a aula, o professor refletiu sobre a prática e avaliou-a, porque temos que saber o que correu bem e o que correu mal, o porquê disso ter acontecido e, de certo modo, até para que a professora titular fique a saber quais os alunos que compreenderam o conceito. Mais tarde, quando for referido o mesmo tema de novo, a professora saberá quais os alunos a que vai ter que prestar mais atenção. Para tal, recorreremos a uma lista/grelha de verificação que foi de fácil utilização. Normalmente utilizávamos respostas simples (sim/não, adquiriu/não adquiriu, ...) e colocámos sempre os objetivos que considerámos essenciais para a atividade. Esta, por outro lado, permitiu-nos registar a presença ou a ausência de uma ação, mas a sua grande desvantagem foi que não nos possi-

bilitou a recolha de informações acerca das interações ou qualidades dos comportamentos, como afirma Monteiro (2002).

Com base no que descrevemos, e nas várias práticas que tivemos neste estágio, podemos concluir que em educação temos que planificar muito bem as intervenções. Ainda como refere Monteiro (2002), esta tem que ser um “[...] plano de aula integrado, naturalmente, numa sequência de aprendizagens [...]” (p.37); e, após planificarmos, temos que refletir e nessa altura também estaremos a fazer uma avaliação. Não podemos considerar estas três situações como sendo situações separadas porque não o são: nós quando planificamos estamos logo a refletir e avaliar se aquilo que pretendemos fazer se enquadra ao grupo e se está de acordo com a matéria. Podemos também referir que neste estágio já utilizámos as novas metas curriculares para as disciplinas de matemática e de português, que entraram em vigor em 2012, e estas exigiram de nós um grande esforço porque estávamos habituadas a utilizar as metas de aprendizagem.

Durante a prática estávamos sempre a avaliar, a reformular e refletir; e, por fim, no final da aula, quando fazíamos a reflexão, estávamos a avaliar o que aconteceu na aula e quais os pontos que mais tarde deveríamos melhorar e quais os que resultaram bem e podem ser utilizados futuramente.

Nos anexos, poderão ser encontrados a planificação, o relatório, os registos e os materiais utilizados deste dia. (anexo XV)

4.5. Avaliação individual das crianças - instrumentos

Como profissionais de educação na nossa prática pedagógica necessitamos de recorrer a vários instrumentos, assim como também recorremos a vários métodos dependendo da situação e do grupo com que estamos no momento, logo aí, podemos dizer que de certo modo, fazemos uma prática diversificada. Não basta somente fazermos uma prática diversificada temos também que a fazer com qualidade, e isso implica que os instrumentos que utilizamos sejam diversificados e adequados.

Numa primeira fase utilizámos instrumentos de recolha de dados. Estes serviram para as caracterizações e foi-nos possível, assim, obter um maior número de informações sobre o local de estágio, da sala, do grupo, e de tudo o que deveríamos saber de início. Passada a fase inicial, começamos a utilizar grelhas de registos de observações, que no nosso caso, foram check-lists. Para além de as utilizarmos nas observações, também utilizámos para conhecer um pouco melhor o grupo. Estas foram construídas com base nas metas curriculares e no final do estágio poderíamos voltar a usá-las para comparar a evolução de cada aluno, caso fosse possível. Além, dos instrumentos físicos (grelhas, check-list's, ...), também tivemos que fazer registos escritos sobre as observações. Na fase seguinte, estas já não eram propriamente sobre as observações, mas sim, sobre as nossas intervenções e, nessa altura passaram a ser de cariz reflexivo, ou seja, serviam para podermos avaliar o trabalho realizado, mas também nos possibilitava fazer uma reflexão de como tinha sido desenvolvida a aula ou a atividade. Durante a prática educativa, e já durante a intervenção propriamente dita, utilizámos vários métodos de trabalho, tentámos que fossem sempre os mais adequados ao assunto/tema em questão e, que de certo modo, utilizássemos a forma que nos fazia sentir mais à vontade. Por exemplo, houve situações em que foi dada mais importância à explicação e ao trabalho no quadro; noutras situações foi dada mais ênfase à realização de fichas de trabalho. A opção por um ou outro método de trabalho dependeu da situação em que nos encontrávamos e da ideia que formámos sobre a forma em que os alunos seriam capazes de compreender melhor a material.

Roldão (2003), diz-nos que “[...] avaliar é um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução [...]” (p. 41), exatamente como o autor nos diz, avaliar passa também por verificar se o que planificámos e/ou realizámos decorreu da forma esperada ou não, se podemos melhorar numa próxima vez ou

se está bem assim. Mas, só podemos ter consciência de tudo isto no final da prática e depois de a avaliarmos e de refletirmos sobre ela.

No que diz respeito à construção dos instrumentos, esta requereu um pouco mais de atenção da nossa parte, porque numa sala de aula não conseguimos avaliar muitos pontos ao mesmo tempo, há sempre situações que nos falham, e se calhar seriam situações interessantes de avaliar. Então, para que isso não acontecesse ou pelo menos fosse evitado, optámos por construir grelhas de avaliação com poucos itens, visto que isso possibilitava que a sua realização fosse o mais perto da realidade. Somente a grelha de avaliação do comportamento dos alunos é que tinha mais itens, porque como era uma grelha preenchida pelos alunos, referente a toda a manhã, não havia como diminuí-la, caso o fizéssemos corríamos o risco de eliminar itens que mais tarde poderíamos considerar importantes.

De modo geral, consideramos que as avaliações são o pilar de uma boa prática educativa. É através das avaliações que refletimos e tomamos novas decisões. Diego (2000), diz-nos que temos que ter uma atitude de observação e escuta constante porque só assim vamos poder examinar e interpretar as várias situações que ocorreram e, assim, poderemos regular as futuras intervenções de acordo com o grupo e até com cada aluno em particular.

Foi-nos pedido, neste seguimento, que elaborássemos uma avaliação diagnóstica a um aluno. Para tal, decidimos recorrer a uma grelha já elaborada, que encontrámos na internet. Após o seu preenchimento redigimos um relatório para técnicos que requereu de nos um maior conhecimento dos termos científicos; por sua vez, realizámos a mesma grelha, mas de forma mais simples, para acompanhar o relatório do encarregado de educação do aluno, este já exigiu de nós uma linguagem menos científica, mas formal (anexo XVI e XVII).

4.6. Caracterização Final da Evolução do grupo

Com base na caracterização inicial e nas diversas observações realizadas durante o período de estágio, foi-nos possível relatar um pouco sobre a evolução do grupo. Esta evolução não podemos considerar como sendo muito significativa, porque como o estágio foi de curta duração não nos foi possível retirar conclusões taxativas. Contudo, julgamos que houve evolução desde o início do ano até ao presente momento, fevereiro.

De início fizemos uma caracterização segundo o que observámos nas aulas e, para tal, recorremos às metas de curriculares e registámos até ao presente momento quais as competências que os alunos já tinham adquirido. Esta caracterização inicial teve a sua limitação, na medida em que o que observámos podia não ser exatamente a realidade, porque nós só registávamos o que observámos e houve de certeza competências que não foram alvo de registo porque não foram observadas. Para além deste recurso, recorremos também a documentos fornecidos pela professora, o que nos ajudou a completar os dados que tínhamos e assim a caracterização de cada aluno pôde ser mais concreta.

No princípio todo o grupo tinha seis anos e estavam no início do 2.º ano, à exceção do J. que até ao final do primeiro período iria trabalhar matérias do 1.º ano. Do que pudemos observar, o grupo encontrava-se dentro dos parâmetros, isto é, o seu desenvolvimento e desempenho escolar estava de acordo com a sua faixa etária e de acordo com a altura do ano. Desde muito cedo que notámos que o comportamento da turma não era o mais indicado, isto é, existiam determinados comportamentos que não se têm numa sala de aula, como estarem atentos, não estarem virados para trás constantemente, não terem as pernas cruzadas em cima da cadeira. Verificámos estes comportamentos em alguns alunos e isso chamou-nos à atenção. Com o passar dos dias, alguns alunos foram alterando os seus comportamentos e as suas atitudes e, alguns dos comportamentos que observámos no início do ano, acabaram por melhorar. No entanto, isso não se deu somente pela tomada de consciência do aluno, mas também porque a professora foi modificando a sala de forma a que esses comportamentos fossem diminuindo até que deixassem de existir na sala de aula.

Os casos onde observámos evoluções ou retrocessos são os seguintes:

O F.F. estava mais calmo e já conseguia estar um pouco mais sossegado durante as aulas; já não brincava tanto com os materiais escolares, quando a professora se dirigia a ele com a intenção de lhe retirar os materiais ele já lhos dava de livre vontade sem

dizer nada porque ele tinha consciência de que o que estava a fazer não era o mais correto; sendo assim, podemos concluir que o F.F. tem evoluído no que diz respeito ao seu comportamento e atitudes.

O A.B. no início aparentava ser muito sossegado, não conversava com os colegas do lado, mas com o passar dos tempos mostrou-se um pouco conversador. Ele parecia saber as matérias e nas últimas fichas apercebemo-nos de que por vezes tinha tendência a olhar para as fichas dos colegas do lado, o que mostrava que não sabia o exercício ou não lhe apetecia pensar muito no que era para fazer, de modo geral, ele só o queria deixar feito, mesmo que não o compreendesse.

O G.F. , a nosso ver, piorou; no início parecia que estava a melhorar, mas não foi isso que observámos com o passar do tempo. Deixou novamente de se preocupar pelo facto de os outros se rirem dele e até fazia de propósito para os outros se rirem e ficava contente com isso. A determinada altura notámos melhorias, tanto que já colocava a mão no ar para intervir, mas isso não durou muito tempo, ou seja, não consegue esperar pela sua vez e, para além disso, quando intervêm por vezes diz coisas que nada interessam nem têm a ver com o trabalho que está a ser feito. Com base nestas observações, podemos dizer que o G.F., aparentemente, tem mostrado um retrocesso no que se refere a comportamentos e atitudes.

O G.S., aparentemente, tem vindo a melhorar o seu comportamento; já não conversa tanto nas aulas, mostra-se mais interessado nas matérias e nos últimos dias surpreendeu-nos durante a realização da ficha de avaliação de português. Mais precisamente no exercício que pedia que criassem uma história ele escreveu tanto que pediu mais uma folha; não sabemos se o que escreveu fazia sentido ou não, mas mostra concentração no trabalho, pelo que podemos dizer que o G.S. tem evoluído.

Em relação ao P., notámos que continua com problemas principalmente na realização dos trabalhos, distrai-se muito facilmente e acaba por não os terminar, o lado positivo dele é que no início chorava quando não conseguia terminar os trabalhos e recentemente não observamos isso.

O D. melhorou o seu comportamento; já não conversa tanto com o G.F., está mais participativo e mais preocupado em realizar os exercícios corretamente. Por esse motivo, consideramos que o D. têm evoluído.

A L.M. tem-se mostrado mais distraída do que no início do ano, quando não sabe as matérias não pede que lhe seja explicada de novo e, quando questionada sobre algo que a professora já desconfia que ela não saiba, em vez de dizer que não sabe fica

calada a olhar para o quadro durante o tempo que a professora estiver à espera da resposta porque ela não diz nada.

O A. continua com o seu riso forçado, tem-se mostrado um pouco mais interessado nas aulas e, quando tem dúvidas, pede que o esclareçam.

O A.Mont. ultimamente tem estado um pouco distraído, mostra-se desmotivado, mas não percebemos ao certo o porquê; nas aulas parece que está atento, mas quando questionado sobre o que se falou não faz a mínima ideia do que seja e daí compreendemos que apesar de ele estar a olhar, não está a ouvir nada. Por esse motivo e por outros ele passou a frequentar o Projecto Aprender +, para que seja apoiado nas dificuldades que ele tem demonstrado; com base no observado, podemos dizer que o A.Mont. tem mostrado um retrocesso.

O A.M. ainda se mostra um pouco distraído, mas por vezes está muito interessado nas aulas e isso já se tem notado no seu desenvolvimento e na realização das fichas de avaliação, por isso podemos dizer que o A.M. tem evoluído.

O H., desde que mudou novamente de lugar, está um pouco melhor, coloca menos vezes as pernas cruzadas em cima da cadeira, mas por outro lado ainda se distrai muito nas aulas com a borracha e os lápis e depois é repreendido por tal situação.

O T. aparenta estar mais distraído, mostra-se menos interessado nas aulas e está mais desafiador, isto é, quando é repreendido por ter as pernas em cima da cadeira protesta e tem tendência a olhar para o H. e fazer uma comparação entre ambos nos termos “se ele tem as pernas assim eu também posso ter”. No entanto demos-lhe continuamente a entender que quando isso acontece são os dois chamados à atenção, apenas não o podendo ser ao mesmo tempo senão interrompe-se a aula e isso não é desejável. Por estes motivos, consideramos que o T. tem vindo a mostrar um retrocesso no que se refere a comportamentos e atitudes.

O J. está muito melhor desde o início do ano, mostra-se mais aplicado, mas por outro lado continua obstinado quando acha que tem que fazer algo de uma determinada maneira, embora a professora lhe diga que não é assim que se faz. Contudo, está mais atento às aulas, participa mais e tem-nos surpreendido pela sua ótima memória; pelo que podemos dizer que o J. tem evoluído.

O R., por sua vez, mostrou retrocesso. Mostrou-se desinteressado e desmotivado, quase sempre distraído a brincar com algo que trouxe de casa ou com os materiais escolares. Não se mostra muito preocupado com os resultados que possa vir a ter devido ao seu comportamento e para que trabalhe temos que estar perto dele a insistir. Nos úl-

timos dias de estágio conversámos com ele sobre as suas atitudes e ele disse que o problema era dele, que não fazia mal. Esta atitude dele que não é muito boa. Com base nisto e noutras situações podemos dizer que o R. tem demonstrado um retrocesso no que se refere a comportamentos e atitudes.

Apesar de alguns alunos, no nosso entender, terem regredido ou piorado o seu comportamento, também existem outros alunos que pelo contrário se destacaram pela positiva porque melhoraram o seu comportamento e porque evoluíram; como forma de demonstração disso temos o caso do J. que se destacou pela positiva e pela negativa temos o caso do R.

De modo geral, podemos dizer que a turma toda está num bom caminho em relação à sua aprendizagem. A alguns alunos terá que ser dada mais atenção, mas em termos globais são bons alunos. No que diz respeito, à relação de uns com os outros, podemos observar que os rapazes socializam mais com os rapazes e as meninas socializam mais com as meninas, tanto na sala de aula, como no recreio em situações de brincadeira. A destacar, só o facto do F.F. ser novo na turma e ainda não estar muito bem integrado, isto é, os colegas nem sempre gostam de brincar com ele e têm tendência para gozar fruir dele. Por outro lado, ele é um pouco possessivo e não dá muito espaço aos colegas para brincarem, podendo ser por esse motivo que eles depois acabam por retrair-se e não querem brincar com ele. No entanto, pensamos que essa é uma situação que melhorou ao longo do tempo e com certeza que tem tendência a manter essa evolução.

Não podemos considerar esta nossa reflexão definitiva, pois deixámos o grupo a meio do segundo período e muitas destas situações podem não ser vir a verificar-se mais tarde. Este registo foi uma mais-valia, porque assim podemos ter uma avaliação inicial e uma avaliação a meio do ano. O desejável seria podermos realizar uma outra no final do ano. Contudo, como o nosso estágio já terminou, dificilmente conseguiremos realizar a última observação. Ainda assim, com base neste curto espaço de tempo, já nos é possível retirar algumas conclusões referentes ao grupo e é bom quando observamos que algum aluno melhorou e que nós participámos na sua melhoria/evolução.

4.7. Conclusão Reflexiva – Avaliação do Processo e Auto-Avaliação

No final da nossa prática deparamo-nos com a sensação de que devemos refletir sobre tudo o que aconteceu e para tal foi importante, de início, compreendermos o que é o ato de refletir. Podemos definir refletir como sendo ponderar/meditar sobre algo, neste caso, sobre a prática educativa. Assim sendo, consideramos que este relatório tem por base uma grande reflexão, porque durante a prática aconteceram diversas situações que nos marcaram de alguma forma. Segundo o que Schön (1997) nos diz, sabemos que nas práticas diárias, visto que estamos envolvidos na situação, tentamos modificar alguns aspetos e somos sensíveis, ou pelo menos tentamos ser, à sua intervenção.

Como já foi referido anteriormente, este estágio foi um pouco curto, mas intensivo, isto é, o estágio foi iniciado no final de outubro de 2013 e terminou no início de fevereiro de 2014. Contudo, foi realizado todos os dias exceto às sextas-feiras, daí ser considerado intensivo. Foram cerca de três meses de prática educativa onde houve espaço para um curto período de observação e um longo período de intervenção. Este estágio decorreu no Externato Marista de Lisboa com um grupo de vinte e sete alunos do segundo ano de escolaridade, mais precisamente no 2.º A com a professora Manuela Pereira.

Antes de iniciarmos as intervenções propriamente ditas foi necessário um curto tempo de observação. Este tempo possibilitou-nos a realização de observações participativas e naturalistas, este tipo de observações foram-nos importantes porque foi a partir delas que pudemos conhecer um pouco melhor a turma em questão, quais os suas qualidades e quais as suas fraquezas e foi-nos possível também observar como é que a professora desenvolvia a prática educativa. Se não houvesse este tempo de observação, teria sido muito complicado fazermos as nossas intervenções, porque além de não conhecermos o método de trabalho da professora e ao qual os alunos estavam habituados, também não saberíamos quais as competências já adquiridas pelos alunos e poderíamos ou repetirmo-nos ou lecionar matérias que não fossem ao encontro das necessidades da turma e do ano em questão. Durante a primeira fase, de observação, realizámos as caracterizações da sala e do grupo, visto que a do meio envolvente e da instituição já estavam elaboradas porque o estágio em Pré-Escolar foi desenvolvido nesta mesma instituição; daí não ter sido necessário alterá-las. As caracterizações elaboradas possibilitaram-nos conhecer melhor o contexto em que desenvolvemos a nossa prática de estágio, e assim pudemos planificar e intervir de acordo com o interesse e as necessidades da tur-

ma. Segundo o Ministério da Educação (2007) é importante observarmos cada criança e também todo o grupo, neste caso a turma, para conhecermos as suas capacidades, interesses e também as suas dificuldades; a mesma fonte também refere que a recolha de informação não se pode limitar a informações recolhidas no ambiente de sala de aula, mas também tem que se recolher informações sobre o contexto familiar e sobre o meio onde as crianças vivem. Para o Ministério, estes são critérios essenciais para compreender melhor a criança e assim adequar o processo de ensino-aprendizagem.

Após o período de observação pediram-nos que definíssemos perspetivas educacionais, lá registámos como esperávamos que fosse o estágio, mas também alguns pontos que queríamos ver desenvolvidos na prática, como é o caso das situações inesperadas e do controlo do grupo. Como são situações específicas de uma determinada turma ou até de um determinado dia, é difícil definirmos uma “receita” para superá-las. O que aprendemos com a prática foi a dar a volta a essas mesmas situações fazendo com que elas não sejam “um bicho de sete cabeças”, mas algo que é normal nesta profissão e somente com a prática é que iremos lidar melhor com elas.

No que se refere à problemática em questão esta está de acordo com a turma, visto que não considerámos o seu comportamento exemplar. Para tal, decidimos que todos os dias os alunos iriam preencher uma grelha onde avaliariam os seus comportamentos e atitudes ao longo do dia de aulas. Esta grelha pretendia que os alunos comesçassem a ter consciência de como era o seu comportamento durante a aula e quais as atitudes que deveriam melhorar. No início tivemos algum receio em utilizar esta estratégia, porque temíamos que os alunos não fossem completamente verdadeiros e respondessem com tudo verde. Ficámos surpreendidos quando logo no primeiro dia os alunos registaram alguns pontos a amarelo e isso foi bom porque deu-nos confiança para as futuras vezes em que iríamos preencher a grelha. Nas vezes seguintes em que a grelha foi preenchida já houve alunos que não eram assim tão verdadeiros e acabavam por colocar tudo verde ou alguns amarelos quando realmente o seu comportamento tinha sido vermelho. De modo geral, no decorrer do mês foi-nos possível ver que o registo começou a ser realizado cada vez menos vezes porque no final do dia por vezes acabava por não haver tempo para o preenchimento da ficha.

Podemos concluir que esta estratégia teria porventura sido mais interessante se os alunos tivessem começado a fazer o registo logo no início do ano; outro ponto que temos a referir é sobre a sua implementação. Isto é, no início foi decidido que no final de cada dia iríamos ter uma conversa sobre as avaliações dos colegas, mas isso não a-

conteceu talvez por lapso nosso, mas também porque a professora também não foi muito receptiva a que isso acontecesse, assim, os alunos apenas tinham a noção de como estava o seu comportamento. No que se refere à sua importância consideramos que alguns alunos a determinada altura deixaram de compreender a finalidade do preenchimento da grelha porque queriam preenchê-la, mas não se esforçavam por obter melhores comportamentos e no registo colocavam tudo a verde quando isso não refletia o dia tal como ele tinha decorrido; em relação ao bónus, estes não aconteceram muito provavelmente por nossa causa, mas os alunos também não mostraram muito interesse neles. Futuramente, se tivermos que utilizar esta estratégia, ela terá de ser muito bem pensada e organizada para tornar a ideia do papel boa na prática.

Para além da nossa problemática, também tivemos diversas intervenções ao longo do estágio e de todas elas pudemos retirar aprendizagens. Aprendemos a gerir conflitos, situações inesperadas, perguntas que não fazem sentido no momento e temos que tomar uma atitude em relação ao aluno, podendo levar-nos a melhorar a forma de lecionar as aulas e principalmente a forma como devemos transmitir os conteúdos. Todas as intervenções foram essenciais, até mesmo aquelas em que saímos do estágio a pensar que tinham corrido tão mal que já não nos apetecia voltar a dar aulas. Aprendemos que temos que ser fortes e superar esses sentimentos porque na nossa vida profissional iremos passar por muitas situações como essas e nessa altura não vamos poder desistir porque o grupo será só nosso. Consideramos que para ter uma boa intervenção temos que ter uma boa planificação, um grande conhecimento sobre o que vamos lecionar e pensamos que foi isso que não nos correu tão bem. Sabíamos as matérias, mas futuramente devemos aprofundá-las mais. Apercebemo-nos de que as aulas não estavam a ser lecionadas de forma clara e tentávamos sempre explicar de novo de forma a que os alunos compreendessem melhor. Como nos diz, Abrantes (2002) “[...] a avaliação é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas.” (p.9). Como forma de conclusão, podemos dizer que consideramos que este estágio em 1.º Ciclo decorreu de modo positivo, apesar de no início terem surgido algumas dificuldades no controlo do grupo, assim como na gestão do tempo. Pensamos que essas mesmas dificuldades foram superadas e no final já havia um maior controlo do grupo. O mesmo começou a perceber que não estávamos com eles só para os ajudar, mas também para ensiná-los, o que se tornou claro quando perguntavam “Professora Ana, quando é que és tu a dar a aula? Contigo aprendemos sempre coisas novas!”, isso

demonstra por parte dos alunos que gostavam daquilo que lhe propúnhamos fazer. Apesar de este ser o segundo estágio em 1.º Ciclo, consideramos que é necessário ter sempre em atenção as limitações e os interesses do grupo com o qual estamos a trabalhar. Neste caso, podemos dizer que essa adaptação aconteceu de modo positivo, a turma recebeu-nos bem e foi bastante receptiva às atividades que lhes apresentámos. Pensamos que a nossa prática teve algum impacto na turma de modo positivo, pois os alunos aprenderam “coisas” novas e tentámos também desenvolver uma prática variada. Tentámos que cada intervenção fosse melhor que a anterior para que todos se mantivessem motivados e interessados. No que respeita à postura, sentimos que foi adequada e sempre adaptada às situações; sempre que necessitavam que ajudássemos predisposemo-nos a fazê-lo. Neste estágio tivemos uma vantagem, foi não somente lecionar aulas ao 2.º ano como também, nos foi possível lecionar ao 1.º ano e ao 4.º ano em situações que as professoras faltavam.

Neste estágio, sentimos que evoluímos tanto a nível profissional como a nível pessoal. Pudemos aprender novas formas de trabalhar e maneiras diferentes de lidar com os grupos, assim como pudemos resolver situações de conflito e situações inesperadas, visto na área de educação as situações inesperadas acontecerem várias vezes e temos que saber como reagir perante elas. Não podemos dizer que os estágios são todos iguais porque não o são; o que podemos dizer é que em todos eles aprendemos situações novas e algumas delas marcam-nos, como é normal, tanto pela positiva como pela negativa. Contudo, todas elas são importantes para nós porque nos ajudam a evoluir como profissionais. Como afirma Freire (1996) “O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma contígua de ninar. Seus alunos cansam, não dormem, Cansam porque acompanham as idas e vindas do seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.” (p.96).

5. Conclusão Final

Após o trabalho desenvolvido, é altura de refletirmos sobre tudo o que nele aconteceu. Podemos dizer que todo este trabalho exigiu de nós um grande esforço, mas no final é muito gratificante, porque significa que conseguimos atingir os nossos objetivos.

Em relação à valência de Pré-Escolar podemos dizer que estivemos com um grupo de 4 anos, todos eles se encontravam bem desenvolvidos para a sua idade, exceto o P. como já referimos no corpo deste trabalho que apresentava ainda algumas limitações, mas nada de grave e facilmente pôde melhorar. No que respeita ao trabalho desenvolvido com o grupo, tivemos diversas atividades umas mais significativas que outras, como foi o caso de uma atividade que tínhamos idealizado para realizar com o grupo, mas que necessitávamos que alguém nos apoiasse e na altura vimo-nos sozinhas com o grupo, e tivemos bastantes dificuldades em dar a volta à situação. Hoje compreendemos que o que devíamos ter feito era deixado a nossa planificação e arranjar algo que pudéssemos fazer com o grupo, mas na altura não soubemos como reagir e decidimos seguir com a nossa planificação. O resultado foi uma confusão na sala, não conseguimos dar atenção a todas as crianças e quando eles chamavam por nós já não sabíamos o que fazer porque o faziam todas ao mesmo tempo. Mas, são situações como estas que nos marcam e que nos fazem pensar na nossa prática, não podemos atender só ao que está no papel temos de implementar o que as circunstâncias nos permitem e aquilo que as crianças estão predispostas a fazer.

Assim, estamos cientes que não são só as atividades que correm bem que nos marcam, as que correm mal também nos marcam e bastante, porque é com elas que aprendemos a melhorar o nosso trabalho e a ter atenção a situações que no papel não pensávamos que iriam acontecer. Por exemplo, quando decidimos que uma atividade deve durar 10 minutos e depois ela acaba por demorar mais temos de saber gerir as aprendizagens e adaptar a planificação. Quando as crianças num determinado dia não estão predispostas a fazer a atividade proposta, será melhor dar atenção ao tema que as crianças querem explorar em vez de seguir com o nosso trabalho. Estas são algumas das situações que temos de ter em atenção na nossa prática diária para que as crianças se interessem e se sintam motivadas para aprender.

Em relação ao 1.º Ciclo estivemos com um grupo do 2.º ano de escolaridade. Este grupo era um grupo heterogéneo, constituído por 27 alunos. Todos os alunos

tinham, mais ou menos, o mesmo nível de aprendizagem, exceto o J. que até ao final do 1.º período ainda estaria a trabalhar matérias do 1.º ano, e o R. e A. M. que estavam acompanhar o 2.º ano, mas demonstravam algumas limitações a nível da aprendizagem. Em relação ao comportamento, este não era semelhante em toda a turma. Havia muitos bons alunos que se comportavam de maneira adequada, estavam atentos às aulas e não perturbavam o bom funcionamento da aula; por sua vez, havia alunos que além de não estarem minimamente interessados no que se estava a fazer ainda distraíam os restantes colegas acabando por prejudicá-los. Esses mesmos alunos foram mudados de lugar várias vezes, mas mesmo assim o seu comportamento não mostrou grandes melhorias.

Estas conclusões que retiramos baseiam-se em observações realizadas à turma e foi com base nelas que decidimos que o nosso foque principal, ou seja, o tema a ser trabalhado, seria os comportamentos e as atitudes. Para tal optámos por desenvolver uma grelha de avaliação do comportamento, como já referimos no corpo deste trabalho, mais precisamente no ponto 4.4.3. No seguimento do nosso tema foi-nos propostos que recorrêssemos à observação naturalista, isto é, “[...] ao contrário da investigação quantitativa, os métodos qualitativos encaram a interação do investigador com o campo e os seus membros como parte explícita da produção do saber, em lugar de a excluírem a todo o custo, como variável interveniente. A subjectividade do investigador e dos sujeitos estudados faz parte do processo de investigação”(Flick, 2005, p.6).

Recorremos a uma observação naturalista, aos registos dos alunos e aos nossos próprios registos para, através desta triangulação (Anexo XVIII), compreendermos melhor a evolução das crianças. Para tal, foi-nos muito útil a observação porque foi através dela que escolhemos o nosso tema principal, de seguida tivemos que optar por soluções para resolver o nosso tema, o comportamento e as atitudes indesejáveis, e para tal decidimos construir uma grelha onde os alunos diariamente se iriam avaliar e tomar consciência de como tinha sido o seu dia., Para termos a certeza que os alunos estavam a fazer o registo correto foi necessário nós também preenchermos a mesma grelha com os mesmos critérios, mas de acordo com aquilo que nós achávamos que realmente tinha acontecido. No final da semana foi feita uma comparação, pela nossa parte, a fim de ver se os registos eram muito diferentes dos que os alunos tinham. Podemos dizer que em alguns casos isso verificou-se, mas foram pouco, os meninos mais faladores achavam que deveriam pintar tudo a verde quando realmente o seu comportamento não refletia isso. De modo geral, pensamos que não foi um desperdício de tempo realizarmos a

nossa própria grelha porque assim pudemos ter consciência e tomar determinadas atitudes.

Esta forma de trabalhar é muito interessante porque temos um ponto de partida, neste caso específico foi a observação, de seguida tomamos uma decisão de como melhorar esse acontecimento que observamos e por fim só tivemos que arranjar outro instrumento que nos servisse de fundamento/auxílio ao que utilizámos para a melhoria. Como nos diz Flick (2005), [...] as situações em que os fenómenos e as relações estudadas ocorrem são controladas até ao limite do possível, a fim de determinar com o máximo de clareza as relações causais e a sua validade. Os estudos são desenhados por forma a excluir, na medida do possível, a influência do investigador (entrevistador, observador, etc.)” (p.3). E foi isso mesmo que nós fizemos. Em relação ao nosso tema, como já referimos, sabemos que teria tudo para dar certo, mas isso não aconteceu pois o instrumento não foi aplicado da melhor forma. Com isto compreendemos que nem sempre o que temos escrito no papel funciona na sala de aula e aqui demonstrámos isso mesmo.

No que se refere às várias práticas podemos dizer que todas elas decorreram de forma positiva à exceção de uma ou outra, principalmente a aula onde lecionamos os determinantes. Esta foi uma das "piores" aulas que lecionámos, não por não sabermos a matéria, mas pela forma como a lecionamos. Como era uma matéria um pouco complicado exigia de nós uma boa estrutura da aula que não soubemos ter e isso acabou por prejudicar a aula. Houve alunos que entenderam, mas a maioria não compreendeu e no dia seguinte tivemos que referir tudo de novo de forma mais clara e simples e aí os alunos já compreenderam. São estas aulas menos boas, para nós, que nos ajudam a crescer e a melhorar como profissionais. Hoje, sabemos o quanto é importante planificar uma aula, mas acima de tudo não basta só planificar temos que fazer um esquema nem que seja mental de como vamos abordar os conteúdos, isso é que nos irá guiar durante a nossa aula.

Para além da nossa prática, não nos podemos esquecer que de início definimos perspetivas futuras, tanto a nível de cada valência, como a nível pessoal. No que se refere às perspetivas de cada valência pudemos dizer hoje que quase todas elas foram superadas umas mais facilmente quem outras, mas tentámos sempre melhorar. Uma grande dificuldade que sentimos, e isso foi visível nas duas valências, foi a gestão do grupo. Temos a consciência que com o passar do tempo saberemos cada vez melhor gerir o grupo, sentimos mais dificuldade a nível do Pré-Escolar do que no 1.º Ciclo. Foi-

nos complicado planificarmos alguma atividade com um determinado tempo, porque por vezes não cumpríamos o tempo estipulado. Sabemos que não é necessário que aconteça, mas acabávamos por nos alongar e isso prejudicava a nossa atividade. No 1.º Ciclo a situação que mais nos preocupou foi a forma como haveríamos de lecionar as aulas, porque cada professor tem o seu método e os alunos estão habituados a ele e nós tínhamos medo que não fôssemos capaz de transmitir todos os conhecimentos necessários e acima de tudo tínhamos receio que a forma como o fizéssemos não fosse a mais adequada. Hoje sabemos que só conseguiremos saber como dar uma aula corretamente com a prática, porque é algo que vamos aprendendo ao longo do tempo e sempre tendo em atenção o grupo com quem estamos a trabalhar.

Como nos diz Libâneo (1994) o professor não pode transmitir apenas a informação ou fazer perguntas, tem também que ouvir os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar deles para que aprendam a expressar-se, a expor as suas opiniões e a dar respostas. O trabalho do professor não pode nunca ser somente centrado nele, as respostas e as opiniões dos alunos mostram que eles também fazem parte e que estão a reagir ao que o professor transmite. É assim que nos queremos posicionar na nossa futura vida profissional.

6. Referências bibliográficas

- Abrantes, P. (2002). A avaliação das aprendizagens no ensino básico. In L. A. Paulo Abrantes, *Reorganização Curricular do Ensino Básico - Avaliação das Aprendizagens*. Ministério da Educação.
- Afonso. (2005). *Investigação Naturalista em Educação, Um guia prático e crítico*. Edições Asa.
- Bassedas, Huguest, & Solé. (1999). *Aprender e Ensinar na Educação Infantil*.
- Dewey, J. (2004). In M. H. Weikart, *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Diego, J. (2000). Evaluación como ajuda al aprendizaje. Claver para la innovación educativa. In *La evaluación en la escuela infantil (3-6 anos). Quién necessita, qué información y para qué?* (p. 60). Barcelona: Editorial Graó.
- Educação, M. d. (2007).
- Estrela, A. (1990). *Teoria e Prática de Observação de Classes - Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto Editora.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica* (2ª ed.). Monitor.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freud, S. (1856-1939). *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*.
- Greenspan, S. &. (2004). In M. H. Weikart, *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Johnson, N. C. (2004). In M. H. Weikart, *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Libâneo, J. C. (1994). *Didática*. São Paulo: Cortez.
- Lisboa, E. M. (2013). *Projecto Educativo*.
- Lopes, J. (2003). *Problemas de comportamento, problemas de aprendizagem, problemas de ensinagem*. Coimbra: Quarteto.
- Lourenço, A., & Paiva, O. (2004). *Disrupção escolar, estudo de caso*. Porto: Porto Editora.
- Melis, V. (2007). *Espaços em educação infantil*.
- Miranda, C. B. (2009). *Portefólio - Uma escola de competências*. Lisboa: Porto Editora.
- Monteiro, A. P. (2002). *Avaliação - Uma prática Diária*. Lisboa: Editorial Presença.

- Paiva, B. (2009). *Urbanidade e educação cultural. Supervisão e formação em educação artística e tecnológica*. Coimbra: Editorial Novembro.
- Perestrelo, M. d. (2001). *Gerir a diversidade no quotidiano da sala de aula*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Piaget, J. (2000). In N. A. Sprinthall, *Psicologia Educacional*. Mc Graw-Hill.
- Piaget, J. (2004). In M. H. Weikart, *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Roldão, M. d. (2004). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências - As questões dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Saracho, S. &. (1998). *Ensinando crianças do 3 e 8 anos*.
- Schön. (1997/2000). Formar professores como profissionais reflexivos. In Nóvoa, *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.
- Silva, C., Nossa, P., Silvério, J., & Ferreira, A. (2008). *Incidentes críticos na sala de aula. Análise comportamental aplicada*. Coimbra: Quarteto.
- Sprinthall, N. A. (2000). *Psicologia Educacional - Uma abordagem Desenvolvimentista*. Mc Graw-Hill.
- Weikart, M. H. (2004). *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wragg. (2001). In M. Fernandes, *Métodos de avaliação pedagógica*. Lisboa: Ministério da educação.
- www.infopedia.pt*. (18 de janeiro de 2014). Obtido de Infopedia:
<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/refletir>

7. Anexos